



**ANTONIO MENEGHETTI FACULDADE
ESPECIALIZAÇÃO EM PEDAGOGIA ONTOPSICOLÓGICA**

PAULA SAVEGNAGO ROSSATO

**GEOGRAFIA VIVA:
O DESCOBRIR-SE DO SUJEITO NAS PAISAGENS
DO TERRITÓRIO DO GEOPARQUE QUARTA COLÔNIA**

RESTINGA SÊCA, RECANTO MAESTRO

2026

PAULA SAVEGNAGO ROSSATO

GEOGRAFIA VIVA:
O DESCOBRIR-SE DO SUJEITO NAS PAISAGENS
DO TERRITÓRIO DO GEOPARQUE QUARTA COLÔNIA

Artigo apresentado ao Curso de Especialização em
Pedagogia Ontopsicológica como requisito parcial
para obtenção do título de Especialista em
Pedagogia Ontopsicológica, Faculdade Antonio
Meneghetti - AMF.

Orientador: Prof. Bruno Fleck da Silva

RESTINGA SÊCA, RECANTO MAESTRO

2026

PAULA SAVEGNAGO ROSSATO

GEOGRAFIA VIVA:

**O DESCOBRIR-SE DO SUJEITO NAS PAISAGENS
DO TERRITÓRIO DO GEOPARQUE QUARTA COLÔNIA**

Artigo apresentado ao Curso de Especialização em Pedagogia Ontopsicológica como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em Pedagogia Ontopsicológica, Faculdade Antonio Meneghetti - AMF.

Orientador: Prof. Bruno Fleck da Silva

Data de aprovação, 26/06/2026.

COMISSÃO EXAMINADORA

Prof. Bruno Fleck da Silva
Orientador do Trabalho de Conclusão de Curso
Faculdade Antonio Meneghetti

Prof(a). Dr.(a) Helena Biasotto
Membro da Banca Examinadora
Faculdade Antonio Meneghetti

Prof(a). Me. Ricardo Barcellos
Membro da Banca Examinadora
Faculdade Antonio Meneghetti

**GEOGRAFIA VIVA: O descobrir-se do sujeito nas paisagens
do território do Geoparque Quarta Colônia**

**LIVING GEOGRAPHY: Discovering the Subject within the Landscapes
of the Quarta Colônia**

Paula Savegnago Rossato^{*}

Bruno Fleck da Silva^{**}

RESUMO: Este artigo aborda a importância do ensino de Geografia na educação básica como ferramenta para o desenvolvimento do pensamento espacial e do autoconhecimento do estudante. O estudo fundamenta-se nos pressupostos da Geografia Humanista, da Fenomenologia e da Pedagogia Ontopsicológica, defendendo que a compreensão do ambiente imediato interfere diretamente no processo de individuação do aluno. O objetivo central é propor estratégias metodológicas que conectem os conteúdos da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) à realidade vivida no Geoparque Global da UNESCO Quarta Colônia, no Rio Grande do Sul. Para tal, utilizou-se o delineamento da *Design Science Research* (DSR) para o desenvolvimento de um artefato educativo: um atlas com mapas cartográficos em branco vinculados às treze habilidades do 6º ano do Ensino Fundamental. Os resultados, validados por curadoria docente, indicam que a representação subjetiva do espaço estimula o protagonismo e a autonomia do aprendente, transformando a alfabetização cartográfica em uma experiência existencial e crítica. Conclui-se que a apropriação do lugar de vivência permite ao estudante reconhecer-se como sujeito integrante da sociedade e das dinâmicas geográficas globais.

Palavras-chave: ensino de geografia; geografia humanista; geoparque quarta colônia; pedagogia ontopsicológica; alfabetização cartográfica.

ABSTRACT: This article discusses the importance of Geography teaching in basic education as a tool for developing students' spatial thinking and self-awareness. The study is grounded in the principles of Humanistic Geography, Phenomenology, and Ontopsychological Pedagogy, arguing that understanding the immediate environment directly influences the student's process of individuation. The main objective is to propose methodological strategies that connect the contents of the National Common Curricular Base (BNCC) to the lived

^{*} Estudante do Curso de Especialização em Pedagogia Ontopsicológica, paula-srossato@educar.rs.gov.br.

^{**} Doutor em Filosofia (UFSM), Especialista em Ontopsicologia (AMF). É professor titular da Faculdade Antonio Meneghetti, bruno.fleck@hotmail.com.

reality of the UNESCO Global Geopark Quarta Colônia, in Rio Grande do Sul. To this end, the Design Science Research (DSR) framework was used to develop an educational artifact: an atlas featuring blank maps linked to the thirteen 6th-grade skills of Elementary School. The results, validated through teacher curation, indicate that the subjective representation of space encourages learner agency and autonomy, transforming cartographic literacy into an existential and critical experience. It is concluded that the appropriation of one's living space allows students to recognize themselves as integral subjects of society and global geographical dynamics.

Keywords: geography education; humanistic geography; quarta colônia geopark; ontopsychological pedagogy; cartographic literacy.

1 INTRODUÇÃO

Por que é importante conhecer, entender e se apropriar do ambiente em que se vive? Para responder essa pergunta faz-se necessário considerar um processo chamado nascimento do Eu, que, para Meneghetti, (2014, p.176-177) “nasce do processo de conscientização do próprio corpo, é através dele que o Eu é colocado em contato com o ambiente, tempo, espaço e genitores [...] e uma das instâncias que determina o Eu é o “imediatismo de interação corpo-ambiente”. Desse modo, é muito importante conhecer esse ambiente que vai interferir no processo de individuação, ou seja, conhecer o ambiente pode auxiliar na compreensão de si, entender as dinâmicas geográficas que atuam naquele espaço ajudam a criança a entender também o seu modo de se constituir.

Considerando essa premissa de que também nos conhecemos conhecendo o ambiente em que estamos inseridos, vamos nos reportar ao quanto as aulas de Geografia da educação básica podem auxiliar nesse processo. Devemos, então, considerar as contribuições da Fenomenologia para a Geografia Humanista, que compreende o ambiente segundo a percepção e a interação humana com ele.

O principal pressuposto da BNCC (Base Nacional Comum Curricular) para o ensino de Geografia é o desenvolvimento do pensamento espacial e do raciocínio geográfico como ferramentas para a cidadania. O pensamento espacial envolve a compreensão de conceitos como localização, extensão, diferenciação, analogia e correlação. E o raciocínio geográfico tem como objetivo não apenas que o aluno memorize onde algo está, mas que compreenda por que algo está em um local específico e as relações que se estabelecem ali. Essa abordagem capacita o estudante a ler o mundo de forma crítica e a questionar a configuração do espaço geográfico, que é moldado pelas relações entre a humanidade e a natureza.

O RCG (Referencial Curricular Gaúcho) é um documento que foi elaborado em consonância com a BNCC, porém com o objetivo de atender às demandas e às particularidades locais do estado do Rio Grande do Sul. Ele serve como documento de apoio para que os sistemas de ensino do estado possam criar currículos que contemplem as especificidades de cada região. Essa abordagem é fundamental para superar a abstração dos conceitos nacionais e conectá-los à realidade concreta dos estudantes.

Dada a importância de conhecer o ambiente de interação do homem, para a formação e compreensão de sua identidade, o objetivo geral dessa pesquisa é produzir um material que seja um incentivo para o professor em sala de aula relacionar as temáticas desenvolvidas nas aulas de geografia do 6º ano do ensino fundamental com o que acontece no ambiente onde os estudantes estão inseridos, nos espaços de interação imediata deles com o ambiente. Além disso, é importante considerar que temos a Ciência Geográfica preocupada com esse tipo de conhecimento e que os documentos orientadores da Educação Básica preveem a possibilidade de desenvolver essas habilidades nos estudantes. Como objetivos específicos a pesquisa buscou relacionar as habilidade da BNCC de geografia para o 6º ano com a geografia do Território do Geoparque quarta Colônia. Compreender as contribuições da Geografia Humanista, da Fenomenologia e da Ontopsicologia para o ensino de geografia considerando a percepção humana, a compreensão de si e o protagonismo do estudante na aprendizagem.

Para este estudo consideraremos como espaço de interação imediato a região do Geoparque Global da UNESCO – Quarta Colônia. Uma região localizada no Centro do Estado do Rio Grande do Sul no Brasil, que apresenta características Geológicas e Paleontológicas únicas no mundo, trazendo uma identidade para a região que precisa ser conhecida e identificada por cada um de seus habitantes.

Assim, apresentamos, em seguimento, uma breve fundamentação teórica para elucidar conceitos importantes dentro das temáticas a serem desenvolvidas, bem como a importância das experiências de interação com o ambiente para desenvolver as percepções individuais de cada estudante com relação ao ambiente onde está inserido. Para apoio ao professor, será apresentado como artefato deste estudo um pequeno Atlas com mapas da Quarta Colônia associados às habilidades da BNCC para os estudantes do 6º ano do Ensino Fundamental. Ao fim, que as explanações dos professores possam expressar as suas percepções sobre a temática abordada, sempre considerando a região do Geoparque Quarta Colônia.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Neste tópico, abordaremos algumas temáticas importantes para esta pesquisa, para esclarecer a importância de considerar o que postula a BNCC sobre o ensino de Geografia, qual Geografia a se fazer quando consideramos a Geografia Humanista, a contribuição do fazer pedagógico segundo a Ciência Ontopsicológica e o fato de representar em mapas as aprendizagens de sala de aula.

2.1 OBJETIVOS DO ENSINO DE GEOGRAFIA SEGUNDO A BNCC

Com base na Base Nacional Comum Curricular (BNCC), o objetivo principal do ensino de Geografia para o Ensino Fundamental é desenvolver o pensamento espacial e o raciocínio geográfico a partir da experiência de vida da criança. Em termos práticos, o foco não é o aluno decorar dados sobre o mundo, mas sim que ele leia o espaço em que vive. O ensino parte do que chamamos de espaço vivido: a casa, a escola, o bairro e a rua são os laboratórios iniciais para entender conceitos complexos.

Considerando esses objetivos podemos elencar três objetivos específicos: que a criança reconheça-se como sujeito integrante da sociedade e do espaço e, com isso, entenda quem ela é, onde está e como o seu cotidiano conecta-se com o de outras pessoas. O segundo objetivo específico é permitir que a criança desenvolva a capacidade de representar o espaço, e espera-se que o estudante saiba não apenas ler um mapa simples, mas também criar suas próprias representações (como mapas mentais, croquis e maquetes). O terceiro objetivo específico é exercitar o pensamento espacial através do raciocínio geográfico, estimulando, assim, um ensino de Geografia não apenas descritivo (dizer onde fica), mas analítico, fazendo com que a criança consiga responder questões como: Onde isso fica? Por que fica aí? Como isso se distribui?

Não é apenas saber Geografia, é dominar uma forma específica de pensar para analisar a realidade. O documento (Brasil, 2018) estabelece que desenvolver o raciocínio geográfico significa aplicar determinados princípios lógicos para compreender como o mundo é organizado. São eles: **Analogia**, capacidade de comparar fenômenos ocorridos em lugares diferentes. **Conexão**, compreensão de que os eventos não ocorrem isoladamente; um fato em um lugar pode influenciar outros lugares. **Diferenciação**, perceber que a organização do espaço varia de um lugar para outro; nenhum lugar é igual ao outro. **Distribuição**, entender como os objetos, pessoas ou fenômenos espalham-se pelo espaço. **Extensão**, refere-se ao espaço finito ocupado por um fenômeno ou objeto. **Localização**, a posição particular de um objeto na superfície terrestre (pode ser absoluta, como coordenadas GPS, ou relativa, como “perto do rio”). **Ordem**, o arranjo ou a sequência espacial dos fenômenos.

Figura 1: Princípios do Raciocínio Geográfico



Fonte: Elaborada pela própria autora.

Diante do que a BNCC traz como tarefa do ensino de Geografia para o Ensino Fundamental, entende-se a necessidade de que as metodologias e os planejamentos de aula estejam alinhados a esse escopo. Desse modo, percebe-se que desenvolvimento das aulas deva estar mais alinhado ao que colocam a Geografia Humanista e a Fenomenologia da Percepção.

2.2 GEOGRAFIA HUMANISTA E FENOMENOLOGIA

A Ciência Geográfica, assim como as demais ciências, apresenta ao longo de sua história questionamentos quanto à quantificação em seu modo de fazer pesquisa. Considerando que se trata de uma ciência que tem como objeto de pesquisa o espaço geográfico, ou seja, o lugar de vivência do homem, trabalhar apenas com dados e mapas temáticos prontos não faz referência à realidade dessa dinâmica espacial.

A Geografia Humanista surge na década de 1970 como um movimento contrário à geografia quantitativa, indicando que o espaço geográfico deve ser entendido também a partir da experiência humana, não apenas por meio de dados e mapas, pois as pessoas sentem,

imaginam e atribuem significados aos lugares. Logo, o estudo dos lugares considera emoções, cultura, valores e subjetividade, compreendendo uma Geografia centrada no ser humano e na experiência vivida. “A Geografia Humanística¹ considera a valorização do ser humano e nesse contexto revaloriza os conceitos de paisagem, lugar e região, destacando a existência dos sujeitos e de seu sentimento de pertencimento a um dado espaço” (Leite, 2012, p.30).

Desse modo, quando Leite (2012) faz um resgate histórico sobre a história do pensamento geográfico, coloca que é com as publicações de Yi-Fu Tuan que se tem a estruturação da Geografia Humanista segundo a Fenomenologia de Heidegger e Merleau-Ponty, na qual se afirma o interesse nas relações entre conhecimento e existência e a necessidade de não objetivação da realidade. Nesse sentido, considera-se que a Geografia pode humanizar a leitura da economia, da física, entre outras ciências, na intenção de buscar uma integração homem ambiente e a valorização das paisagens e lugares. Além disso, identifica o olhar afetivo como uma tendência, num contexto de mundo marcado por várias globalizações, que repercutem na configuração das identidades.

A Geografia Humanista propõe uma virada fundamental no ensino: ela tira o foco do espaço como algo puramente físico ou econômico (mapas, dados, relevo) e coloca-o na experiência humana e nos sentimentos em relação a esse espaço. Yi-Fu Tuan é o nome mais célebre, pois introduziu o conceito de Topofilia – o elo afetivo entre a pessoa e o lugar. Desse modo, a Geografia passa a considerar como ocorre a relação de cada indivíduo com o ambiente.

A aplicação da Geografia Humanista em sala de aula gira em torno da valorização da subjetividade do aluno. O aluno deixa de ser um observador neutro e passa a ser visto como alguém que sente e vive o espaço, sendo esse expressão do mundo da vida. A Fenomenologia na Geografia pode ser comparada a um óculos, enquanto que a ciência Geográfica tradicional olha o espaço de cima como um mapa. A Fenomenologia convida o geógrafo a olhar o espaço de dentro como quem caminha na rua, como alguém que participa e constrói aquele ambiente.

Tuan entendeu que, na ciência clássica, minimizou-se a importância e o papel da consciência humana para o conhecimento. Diferentemente daquela ciência, a Fenomenologia possibilita restabelecer o contato entre o mundo e as significações, por possuir a verdadeira medida da subjetividade, pois conhecer o mundo é conhecer a si mesmo.

¹ O termo humanista e humanística se referem ao mesmo movimento ocorrido na década de 1970. A distinção ocorre por tradução do inglês que se for uma tradução literal é humanística e alguns autores preferem dar uma conotação da língua portuguesa denominado de humanista.

Dentre os conceitos da Geografia, o mais considerado neste estudo é o conceito de lugar a partir da Geografia Humanista. O lugar é de fato mais relevante no momento em que trabalhamos com um recorte espacial em nível regional. Sendo assim, o lugar é a categoria mais adequada visto que esse, para Leite (2012 p. 30), “é um núcleo de significados imprescindível para a configuração da identidade individual de cada sujeito, membro de uma determinada comunidade”.

No Ensino Fundamental, os estudantes estão conhecendo a si e o mundo que os cerca, portanto, é muito importante considerar e conhecer bem o lugar onde vivem; conhecer de modo a entender como são afetados por cada dinâmica existente naquele lugar. Ainda, Leite (2012) reconhece e afirma essa importância quando diz que entender geograficamente o que acontece no lugar segundo o sentido que traz, cria concretude para entender também as dinâmicas que extrapolam a categoria de lugar. A partir do sentido que o lugar estabelece e suas relações, cada estudante pode então criar a realidade para entender o que acontece até mesmo em dinâmica planetária.

Nesse sentido, ressalta-se a importância de conhecer esse lugar, e conhecer segundo a realidade do próprio estudante. Para isso, é fundamental que a apropriação desse conhecimento seja uma construção de cada um destacando suas experiências. O estar em contato com o objeto de estudo e não apenas conhecê-lo por teoria é um momento da vida escolar em que o professor pode aproveitar que para realizar experiências, pois está inserido no espaço estudado.

Na Geografia, a apropriação do método fenomenológico tem como desdobramento a interdisciplinaridade para a compreensão do espaço ao considerar o mundo percebido, vivido e imaginado pelos indivíduos; levando o indivíduo a ter contato com o mundo exterior por via da percepção. Para a fenomenologia compreender o espaço, é necessário considerar o vivido e o percebido inspirado na subjetividade da realidade, que faz com que a intuição torne-se um elemento importante no processo do conhecimento. Essa representação subjetiva do espaço por meio da percepção faz o homem recuperar o humanismo que traz significados e valores ao espaço vivido que é construído pela percepção e pelos indivíduos através das práticas sociais. Na representação do espaço, a escala remete a percepção, a configuração, a projeção e o significado do que é visível e invisível nas relações espaciais (Leite, 2012).

Para Galvão Filho (2015), quando se trata de Geografia Humanista, busca-se um ensino de Geografia voltado à existência, no sentido de levar o aluno a pensar o mundo a partir de si próprio. Pensar uma Geografia que instiga aluno a preocupar-se com sua própria condição terrestre, com sua intersubjetividade, que o convoca a olhar para sua própria

geograficidade, e, com isso, propor uma Geografia implicada na formação autônoma do estudante, que consigam através das aulas perceberem-se como elementos que compõem a dinâmica terrestre.

De acordo com Malanski e Kozel (2015), o espaço é concebido de modo distinto entre as diferentes ciências, adquirindo finalidades variadas ao longo da história. O estudo geográfico do espaço, quando é abordado a partir do viés humanista, considerado como espaço vivido, o termo espaço vivido foi utilizado primeiramente pelo geógrafo francês Armand Frémont em sua obra *La région, espace vécu* (*A Região, Espaço Vivido*), de 1976, refere-se à possibilidade de compreender como os indivíduos percebem e constroem a realidade a partir de suas aspirações, crenças e representações é essencialmente antropocêntrico e que vai além de um simples amontoado de dados, pois envolve a análise da experiência centrada em um sujeito subjetivo, a pessoa.

Quando se coloca o estudante para refletir, analisar e pensar o seu lugar segundo ele mesmo, obter-se-ão compreensões e interpretações individuais daquele mesmo lugar, uma vez que ali aparecerá também a identidade de cada estudante. Por isso, a importância de que esse aprendizado seja representado espacialmente, criando uma identificação que será única para cada um e que poderá ser visualizada em um mapa, como é proposto no artefato deste artigo. Sobre isso, Malanski e Kozel (2015) pontuam que:

A representação do espaço, conforme Kozel (2004), é tida como criação individual ou social de esquemas (imagens) mentais formados a partir da vivência espacial. Portanto, a natureza da representação geográfica é subjetiva, dinâmica e contextualizada, sendo que todo sistema de representação deve envolver as dimensões espaciais e temporais do espaço. Uma imagem mental ou representação descontextualizada é apenas uma recordação (Malanski e Kozel, 2015, p. 158).

Ressalta-se a importância de trabalhar as temáticas da Geografia e pensar a sua representação em base cartográfica para que se registre o *onde* e *quando* daquele determinado assunto para aquele estudante.

2.3 REPRESENTAÇÃO ESPACIAL

Aprender a representar o espaço, o que chamamos de Alfabetização Cartográfica, vai muito além de desenhar mapas bonitos. É uma operação mental complexa que estrutura o cérebro da criança para entender o mundo. Segundo Semielli (1999), quando o estudante deixa de ser apenas um leitor passivo de mapas e passa a ser um produtor de representações

(seja um desenho, uma maquete ou um croqui), ele desenvolve competências fundamentais em três níveis:

1. **Cognitivo**, o mundo real é tridimensional, colorido, barulhento e caótico, o papel é bidimensional, silencioso e estático. Para representar o espaço, o aluno precisa realizar operações mentais sofisticadas como: *Abstração*: ele precisa selecionar o que é importante (como desenhar a escola) e ignorar o que não é (por exemplo, a cor da lixeira). *Visão Vertical*: ele pode sair da visão do cotidiano (olhar de frente) e imaginar como as coisas são vistas de cima (visão oblíqua e vertical); sendo que isso exige sair do próprio corpo mentalmente. *Proporção e Escala*: ele entende matematicamente que, para caber o bairro numa folha de papel, ele precisa reduzir tudo na mesma proporção.

2. **Crítico**, o aluno precisa aprender que mapas selecionar. Ao criar seu próprio mapa, o estudante percebe que ele escolhe o que mostrar. Se ele desenha a comunidade e decide não colocar as áreas de lavoura, ele apagou essa realidade. Ele deixa de ver o mapa como uma verdade absoluta e passa a vê-lo como uma representação feita por alguém com interesses.

3. **Existencial**, representar o espaço é a forma de externalizar como sentimos o mundo; conectando com o que falamos sobre Fenomenologia. Quando pedimos para uma criança desenhar seu caminho casa até a escola, o desenho mostra a sua geografia interna, se ela desenha sua rua enorme e cheia de detalhes e a rua vizinha vazia e pequena, ela está nos dizendo: “aqui eu existo/conheço, lá eu desconheço/tenho medo”. A representação permite ao professor e ao aluno discutirem medos, afetos e problemas locais que não aparecem nos livros didáticos.

2.4 PEDAGOGIA ONTOPSICOLÓGICA: EU LEIO O ESPAÇO E REPRESENTO A PERCEPÇÃO

Partindo do conceito de Pedagogia, para Meneghetti (2014, p.14) “é a arte de como coadjuvar ou evoluir uma criança à realização”. E considerando também o escopo prático da Pedagogia Ontopsicológica, que, para Meneghetti (2014, p.14), é “educar o sujeito a fazer e a saber si mesmo: fazer uma pedagogia de si mesmo como pessoa líder no mundo, educar o eu lógico histórico com capacidades e condutas vencedoras”, podemos questionar: diante dessas premissas, o que deve se realizar quando se pensa a educação escolar? É necessário esclarecer também como deve ser o agir enquanto docente para que a relação com o estudante contemple o conceito de Pedagogia aqui exposto, e para que os estudantes alcancem com sucesso o escopo da Pedagogia Ontopsicológica.

Pensando que o professor é o adulto e que, portanto, é o responsável por orientar os encontros que objetivam a aprendizagem do estudante, ele deve adotar uma postura que permita ao estudante realizar atividades que o conduza ao autoconhecimento e à realização. Assim, surge o questionamento: como fazer essas atividades? Qual postura deve ser adotada por esse professor?

Meneghetti (2014 p.20) esclarece como deve ser tratada uma criança para que ela possa cultivar o seu projeto de natureza a fim de se conhecer e se realizar. “Toda forma de ensinamento, de pedagogia, deveria consentir a autóctise histórica à encarnação do espírito, por meio da qual cada criança acontece neste mundo, sem jamais alterar a necessidade do seu interior, é já sumo e irrepetível”. Logo, os ensinamentos devem aprimorar a obra que cada criança já apresenta; oferecer subsídios para que ela possa alimentar as necessidades de seu interior, tornando-se cada vez mais autônoma e protagonista do seu próprio projeto, tornando-se um ser humano útil e funcional a si mesmo e, também, à sociedade em que está inserido.

Desse modo, o professor dentro do ambiente escolar precisa atender as demandas já estabelecidas pelas próprias normas de funcionamento, dentre elas cada escola tem seu próprio Projeto Político Pedagógico, como também seu currículo, em que estão dispostos quais conceitos cada área do conhecimento precisa desenvolver para atender ao que é estabelecido pelas leis e normas de cada estado dentro do ambiente educacional. Mesmo tendo essas situações como já postas e muitas vezes impostas, é o professor quem direciona a forma de abordagem dos conceitos a serem desenvolvidos e as habilidades a serem alcançadas. Assim, tomam posse das definições conceituais a ponto de usá-las para resolver suas demandas diárias, que, por sua vez, são o desenvolvimento de competências que fundamentam a própria BNCC.

Portanto, cada professor possui alguns pontos fixos que não podem ser trocados, mas podem ser usados como instrumento ao desenvolvimento do estudante e não como limitação, parte-se do que a lei estabelece para se chegar à identidade de cada criança. Assim, Meneghetti (2014 p.20) coloca que:

A educação não deve ser proposta com um diktat, mas como vantagem, a fim de que a criança seja vencedora neste jogo, no sincronismo amébio das múltiplas individuações. Educando-a, não devemos impor-lhe a parte, porque desse modo mata-se o inteiro. A pior ruína que impomos as nossas crianças é ensinar-lhes cada coisa como única e absoluta, como o constante subentendido: ou assim ou mato você! (Meneghetti, 2014 p.20).

Ter um ponto de partida, orientar, instigar, conduzir, incentivar, estimular são as ações de um professor em acordo com o conceito de Pedagogia e que objetiva alcançar o escopo prático da Pedagogia Ontopsicológica. Por isso, esse jamais deve impor ensinamentos ao vazio ou não permitir que o estudante estabeleça com o objeto de estudo uma relação e construa a sua aprendizagem a partir de suas significações, permitindo assim inúmeras formas de apropriar-se de tal aprendizagem. “É necessário que o adulto proponha à criança a educação como regra de vantagem, como instrumento válido de autóctise histórica, ou seja, como possibilidade de autopôr-se e metabolizar progressivamente o jogo histórico do devir pessoa, aqui e agora” (Meneghetti, 2014, p.21).

É preciso propor à criança um constante relativismo. Deve-se lhe dar a volição que já é inteira e sadia e contemporaneamente é preciso facilitar certa adaptação da história ao seu Em Si, não vice-versa. Desse modo, consente-se a ela de ter uma encarnação feliz e de gerir os diversos setores do saber histórico-racional como instrumentos positivos de vantagem, sem saltar a processualidade do devir histórico, porque primeiro é preciso viver, depois se pode escolher viver melhor. É preciso ensiná-la a apreender e metabolizar a processualidade histórica, sem saltá-la, de outro modo perde a sua autopoção mundana. Provocá-la a apreender bem o jogo externo porque assim, quando grande, saberá realizar os jogos do ser e da existência, não terá necessidade de nenhum mestre, porque saberá sempre fazer a síntese perfeita entre o seu Em Si e o verbalizado histórico, a síntese que dará novamente a sincronia entre existir e ser (Meneghetti, 2014 p.21).

Nesse contexto, de uma educação escolar com protagonismo do sujeito aprendente, com prioridade sempre à contemplação das especificidades de cada projeto existente em cada estudante, não se pode perder de vista que todos esses individuais projetos compartilham de um mesmo palco chamado sociedade e é preciso saber viver e conviver nesse cenário de forma a promover o desenvolvimento. Desse modo, é preciso ter clareza do movimento social, suas normas e necessidades, procurando sempre mostrar o possível caminho de conciliação entre a realidade mundana e o desenvolvimento do projeto individual de cada um.

Ressalta-se aqui a importância cada vez maior dos conhecimentos geográficos na formação do sujeito, que tem como objeto de estudo a ação da sociedade cotidianamente; esse conhecimento é imprescindível quando se pensa em promover adaptações da história ao Em Si de cada estudante.

3 MÉTODO

3.1 DELINEAMENTO E FASES DA PESQUISA

Considerando o objetivo central desta pesquisa, buscar estratégias metodológicas segundo a Geografia Humanista e a ciência Ontopsicológica considerando como espaço de análise o Geoparque Global da UNESCO – Quarta Colônia, para as aulas de Geografia do 6º ano do Ensino Fundamental, torna-se necessária a adoção de um delineamento que permita formalizar uma contribuição teórica e prática por meio da construção de um artefato, como o proposto pela Design Science Research (DSR) (Lacerda et al., 2013). De modo geral, a DSR vem sendo aplicada para a criação de melhores soluções na forma de produtos, serviços, tecnologias, métodos, construtos teóricos, objetivando a entrega de um artefato que solucione as demandas das diversas áreas de conhecimento, sendo amplamente utilizada nas ciências sociais aplicadas e, mais recentemente, também nas problemáticas que permeiam o direito (Kawabata, 2023).

Simon (1996) reforça a demanda por soluções práticas e contribuições de pesquisa aplicadas à realidade, argumentando que, enquanto a ciência natural responde a um conjunto de conhecimentos para determinados fenômenos ou classes de problemas, a “ciência do artificial” responde com a “concepção de artefatos que realizem objetivos” para esses fenômenos ou classes de problemas por meio de artefatos construídos. Assim, os artefatos são objetos artificiais, desenvolvidos para atender às demandas evidenciadas pela pesquisa com base em três elementos: 1. o propósito ou objetivo inerente à problemática da pesquisa, 2. o caráter do artefato, e 3. o ambiente em que ele funciona (Lacerda et al., 2013; Kawabata, 2023).

Para atender aos objetivos da presente pesquisa, o artefato foi desenvolvido no formato de modelo, constituindo um Atlas do Geoparque Quarta Colônia. Os artefatos em formato de modelo são conjuntos de proposições ou declarações que expressam as relações entre os construtos, ou seja, representações úteis da realidade de como as coisas são (March e Smith, 1995). Por isso, a fim de constituir as diretrizes metodológicas deste estudo e respeitando as etapas previstas pela DSR apresentada por Lacerda et al. (2013), o método desta pesquisa foi subdividido em cinco fases: 1. Conscientização sobre o problema, 2. Levantamento dos artefatos já desenvolvidos previamente, 3. Proposição e desenvolvimento do artefato, 4. Avaliação do artefato, e 5. Conclusão sobre o artefato.

3.1.1 Conscientização sobre o problema

Considerando 18 anos de prática escolar na Educação Básica no município de Nova Palma (um dos nove municípios pertencentes à Quarta Colônia de Imigração Italiana), pode-se constatar a carência de momentos em que o espaço da Quarta Colônia era considerado durante as aulas de Geografia e, mesmo quando era, pouco significado trazia para o estudante por ser inexpressivo na metodologia das aulas o sentimento de pertencimento a esse lugar.

3.1.2 Levantamento dos artefatos

Construir um Atlas (Anexo A) com um mapa em branco para cada habilidade proposta para o 6º ano do Ensino Fundamental, dentro da disciplina de Geografia, é uma forma de instigar os professores a considerarem as diferentes temáticas abordadas em sala de aula ao longo do ano. O contexto do Geoparque Quarta Colônia e o fato de os mapas estarem em branco irão fazer com que o estudante pense e possa colocar as suas percepções a partir das pesquisas feitas em sala de aula. Para representar em um mapa algum conhecimento, é necessário profundo entendimento sobre o assunto ao ponto de conseguir expressá-lo sem construir um texto, a forma como cada estudante fará essa representação mostrará o que, como e quanto aquele espaço significa para ele quando pensa os mais diversos aspectos das dinâmicas geográficas.

3.1.3 Proposição e desenvolvimento do artefato

A BNCC propõe para o 6º ano do Ensino Fundamental treze habilidades para serem desenvolvidas ao longo do ano.

(EF06GE01) Comparar modificações das paisagens nos lugares de vivência e os usos desses lugares em diferentes tempos. **(EF06GE02)** Analisar modificações de paisagens por diferentes tipos de sociedade, com destaque para os povos originários. **(EF06GE03)** Descrever os movimentos do planeta e sua relação com a circulação geral da atmosfera, o tempo atmosférico e os padrões climáticos. **(EF06GE04)** Descrever o ciclo da água, comparando o escoamento superficial no ambiente urbano e rural, reconhecendo os principais componentes da morfologia das bacias e das redes hidrográficas e a sua localização no modelado da superfície terrestre e da cobertura vegetal. **(EF06GE05)** Relacionar padrões climáticos, tipos de solo, relevo e formações vegetais. **(EF06GE06)** Identificar as características das paisagens transformadas pelo trabalho humano a partir do desenvolvimento da agropecuária e do processo de industrialização. **(EF06GE07)** Explicar as mudanças na interação humana com a natureza a partir do surgimento das cidades. **(EF06GE08)** Medir distâncias na superfície pelas escalas gráficas e numéricas dos mapas. **(EF06GE09)** Elaborar modelos tridimensionais, blocos-diagramas e perfis topográficos e de vegetação, visando à representação de elementos e estruturas da superfície terrestre. **(EF06GE10)** Explicar as diferentes formas de uso do solo (rotação de terras, terraceamento, aterros etc.) e de apropriação dos recursos hídricos (sistema de

irrigação, tratamento e redes de distribuição), bem como suas vantagens e desvantagens em diferentes épocas e lugares. **(EF06GE11)** Analisar distintas interações das sociedades com a natureza, com base na distribuição dos componentes físico-naturais, incluindo as transformações da biodiversidade local e do mundo. **(EF06GE12)** Identificar o consumo dos recursos hídricos e o uso das principais bacias hidrográficas no Brasil e no mundo, enfatizando as transformações nos ambientes urbanos. **(EF06GE13)** Analisar consequências, vantagens e desvantagens das práticas humanas na dinâmica climática (ilha de calor etc.) (Brasil, 2017, p.385).

Observa-se as inúmeras temáticas a serem abordadas para o desenvolvimento de tais habilidades e que poucas vezes é mencionado o recorte espacial a ser considerando. Com isso em vista, mesmo que seja a proposta desse artefato – tendo ou não um recorte espacial a ser considerando na habilidade a ser desenvolvida –, é importante que o professor possa destinar um tempo a estudar junto com os alunos como aparece tal temática nos municípios da Quarta Colônia. Desse modo, solicitamos a uma empresa de Georreferenciamento a confecção do mapa base com os limites territoriais dos municípios e demais elementos necessários a um mapa.

Com a posse desse material, será organizado um mapa para cada habilidade onde será solicitado aos alunos, como forma de instigar um trabalho de pesquisa, a representação das mais diversas temáticas abordadas em sala de aula referente à BNCC, conforme Anexo B. Esse material (Anexo A) será encadernado e distribuído aos alunos que estão frequentando o 6º ano.

3.1.4 Avaliação do artefato

Pela razão de o artefato se tratar de um Atlas a ser construído tematicamente pelos estudantes durante as aulas de Geografia com o auxílio do professor, foi solicitado que três professores (dois de Geografia e um de Pedagogia) que fizessem uma breve curadoria considerando a aplicabilidade em sala de aula e a clareza na atividade proposta, de acordo com o nível da turma. Desse modo, foi ressaltada pelos professores de Geografia a importância desse instrumento para que se trabalhe a Geografia do lugar e como isso poderá tornar as aulas mais atrativas, visto que também para eles muitos conhecimentos geográficos da região e municípios são novidades. Mesmo professores que moram nesse território o desconhecem, então para o professor também será um momento de descoberta de si através do conhecimento da Geografia do lugar.

A professora com formação em Pedagogia observou que será necessário que os estudantes desenvolvam as habilidades de conhecer, perceber e representar em cada mapa a ser completado, pois, em sua grande maioria, as atividades solicitadas têm essa exigência,

assim como o fato de frequentemente solicitar ao estudante que se coloque como protagonista daquela aprendizagem, quando pede para que represente: o que lhe chamou mais a atenção.

As três professoras observaram tratar-se de um produto que exigirá dos professores e dos estudantes uma mudança no modo de conduzir e de participar das aulas, pois precisam acontecer momentos de pesquisa que fogem ao desenrolar do livro didático, trazendo mudança metodológica para o professor e também autonomia e protagonismo ao estudante, que será instigado a sair da situação de passividade para construir a sua aprendizagem segundo aquilo que faz sentido para ele.

3.1.5 Conclusão

O atlas do Território do Geoparque Quarta Colônia é um material complementar às aulas de Geografia para que a todo tempo tanto professores quanto estudantes sintam-se solicitados a buscarem informações e construam aprendizagens mais significativas e de maior relevância para o seu dia a dia. Portanto, disponibilizar aos estudantes esse artefato de forma individual é oferecer a eles a possibilidade de, ao longo do ano letivo, construir a sua aprendizagem e registrar a sua história. Ao final do percurso de construção dos mapas, o aluno poderá perceber o quanto aprendeu sobre o lugar onde vive e, conseqüentemente, sobre si, considerando os registros que faz ao longo do ano.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Considerando os documentos legais que orientam a Educação Básica em nosso país e como cada espaço por sua vez pode ir fazendo as aplicações pertinentes para que os estudantes aprofundem seus conhecimentos no que traz significado, os capítulos que seguem apresentam como foi se construído a análise deste artigo, fazendo a relação com o escopo da Pedagogia Ontopsicológica para as aulas de Geografia.

4.1 CONSCIENTIZAÇÃO DO PROBLEMA E REVISÃO SISTEMÁTICA DA LITERATURA

Pensando na principal problemática deste artigo, desenvolver aulas de Geografia que sejam também uma contribuição para que cada estudante reflita sobre quem é considerando o espaço em que vive, observa-se nos documentos orientadores do ensino de Geografia para Educação Básica que essa é também a busca desses documentos quando se aborda a aula de Geografia.

A proposição deste artefato surge da necessidade de atender aos objetivos específicos do ensino da Geografia, pois, através do trabalho com mapas do espaço onde a criança vive, ela poderá entender e conhecer melhor o ambiente circundante e, assim, reconhecer-se como sujeito integrante da sociedade e do espaço. Além disso, ela será capaz de aprimorar muito a capacidade de representar o espaço através das mais diversas temáticas pensando sempre no desenvolvimento das habilidades proposta pela BNCC. E, por fim, destacamos o modo como as aulas são conduzidas e como o suporte da criação de um mapa para cada habilidade tornam-se estratégias para que o estudante “exercite o pensamento espacial através do raciocínio geográfico”; sendo esse uma maneira muito eficiente de tirar os estudantes da simples memorização de informação e colocá-los a pensar sobre si e sobre onde vivem.

Quando olhamos para as habilidades que são indicadas na BNCC para a Geografia do 6º ano, é possível perceber que, para dar significado às temáticas presentes no desenvolvimento de cada habilidade, é necessário sempre considerar que o estudante já conheça bem como está posta essa temática em nível regional para, então, levá-lo a pensar de forma continental e global. Por isso, a importância de pensar metodologicamente as aulas da Geografia segundo a Geografia Humanista, que considera o espaço vivido e não apenas descritivo, porque o estudante deve perceber o espaço sempre como um agente e não apenas como quem está fora e observa. É preciso se colocar dentro das dinâmicas daquele lugar e poder perceber como se é afetado.

Nesse sentido, o escopo da Pedagogia Ontopsicológica contribui muito quando responsabiliza o próprio estudante por suas aprendizagens e por trazer essa responsabilidade direciona para que o resultado aconteça segundo experiências. O estudante deve sentir em cada ação e percepção o quanto de si existe ali, entender o lugar segundo os significados que ele traz para o conhecimento do próprio eu. Para que o processo de aprendizagem não fique apenas no mundo das ideias e percepções, foi proposta a criação de um Atlas onde cada estudante possa registrar as aprendizagens e percepções, pois entende-se que, para formalizar o percebido, cada estudante desenvolverá habilidades cognitivas e perceptivas de si muito importantes.

Construir um mapa, segundo uma temática estudada requer do estudante uma compreensão profunda do conteúdo desenvolvido em aula. Representar no mapa significa que o estudante encontrou algum significado no que estudou e compreendeu a ponto de conseguir codificar a informação e torná-la visual para os demais que irão ler seu mapa. Um mapa pronto é sempre a leitura do significado dado ao entendimento de alguém sobre aquela temática. Existe sempre a informação de quem é, quem fez aquele mapa.

4.2 PROPOSIÇÃO E DESENVOLVIMENTO DO ARTEFATO

A aplicação do artefato ocorreu na Escola Estadual de Ensino Fundamental Dom Érico Ferrari, localizada na comunidade de São Francisco interior do município de Nova Palma/RS. A instituição caracteriza-se por atender estudantes oriundos dessa comunidade e de comunidades vizinhas que vivem em uma realidade rural, desempenhando um papel central na oferta do ensino fundamental dessa região do município. Algumas das atividades propostas no artefato criado foram desenvolvidas com a turma de 6º ano, que totalizam 11 alunos, apresentando uma faixa etária predominante entre 11 e 12 anos.

Essa etapa escolar foi selecionada estrategicamente por marcar a transição para os anos finais do Ensino Fundamental, período em que os referenciais de alfabetização cartográfica e pensamento espacial, propostos pela BNCC, tornam-se fundamentais para a compreensão do território e do lugar.

Tabela 1 – Informações gerais sobre o artefato: Atlas do Geoparque Quarta Colônia

Item	Descrição
Nome do Artefato	Atlas do Geoparque Quarta Colônia
Público-Alvo	Estudantes do 6º ano do Ensino Fundamental
Instituição	E.E.E.F. Dom Érico Ferrari (Nova Palma/RS)
Período de Aplicação	1º Trimestre do ano letivo de 2026 (5 aulas)
Habilidades BNCC	Pensamento espacial, raciocínio geográfico e conceito de paisagem
Atividades Focais	Mapa de diagnóstico e Mapa de mudança da paisagem
Tipo de Aplicação	Atividades práticas de cartografia escolar, análise de imagens e relatos
Resultados Esperados	Alfabetização cartográfica; percepção do aluno como agente do lugar; reconhecimento do território local e regional (Geoparque).

Fonte: Elaborada pela própria autora.

Durante o primeiro trimestre do ano letivo de 2026, foi utilizado o artefato (Atlas do Geoparque) durante cinco aulas de Geografia do 6º ano do Ensino Fundamental, sendo possível desenvolver as atividades referentes aos dois primeiros mapas (mapa de diagnóstico e mapa de mudança da paisagem). Inicialmente, foi trabalhada a questão de onde estamos com base em mapas e, ao longo das atividades, os estudantes foram desafiados a construir seus próprios mapas – desde a esfera planetária até a municipal –, sempre posicionando sua localização em cada representação. Durante essa aula, todos os mapas ficaram expostos na sala de aula (Foto 1) para que fossem consultados sempre que necessário.

Foto 1 – Organização da sala de aula para realização das aulas e desenvolvimento das atividades propostas no artefato



Fonte: Elaborada pela própria autora.

Observou-se, ao longo dessas primeiras atividades, o quase total desconhecimento dos estudantes do 6º ano sobre como se encontrar enquanto escola/comunidade/município nas esferas maiores e, também, a dificuldade em fazer as representações dos lugares em estudo. Quando colocados diante do artefato para que realizassem a primeira atividade do Atlas do Geoparque Quarta Colônia, encontraram muita dificuldade em saber que território era aquele e qual nome tinham os municípios ali delimitados, desconhecendo completamente o seu próprio território. Alguns comentários: “Nossa! É assim que é Nova Palma? Olha o São João do Polesine que pequeno!”. Outro estudante ainda relata: “É reto assim mesmo a linha de divisão entre os municípios? E por que tem uma que não são bem retinha?”. Para conseguirem completar o mapa da atividade com o nome dos municípios, precisaram recorrer ao Mapa do Rio Grande do Sul (Foto 2).

Foto 2 – Estudantes consultando o mapa do Rio Grande do Sul para identificar quais são os municípios que pertencem ao território da Geoparque Quarta Colônia



Fonte: Elaborada pela própria autora.

A todo momento, os estudantes eram questionados sobre “onde vocês estão nessa atividade que estão fazendo?”, com o intuito de iniciar um processo de se perceber naquele lugar, mesmo que inicialmente os que conseguiam se ver identificavam apenas uma

localização e geográfica e não como um agente do lugar. Fica muito claro o quanto nossos estudantes estão acostumados a desenvolverem apenas estudos dirigidos com conhecimentos que não os coloca como agentes e, menos ainda, como protagonistas.

Nas próximas aulas, iniciou-se o desenvolvimento das habilidades que a BNCC propõe como mínimas a serem abordadas em sala de aula, por isso foi realizada uma aula com imagens para que a turma pudesse visualizar o quanto a paisagem pode mudar. Previamente, realizou-se uma atividade para que compreendessem o conceito de paisagem (sempre muito associado à visualização apenas de elementos que não sejam humanos) como tudo que é a nossa visão consegue capturar.

A partir disso, foram realizadas atividades para comparar imagens, relatos de situações que os estudantes vivenciaram e que puderam observar a mudança ocorrida na paisagem. Durante os relatos e diante das imagens, observou-se que, mesmo de modo muito inicial, alguns estudantes começam a se colocar na ação: “Olha que legal a praça era enorme, uma vez eu ia passar o dia lá” (relatos dos estudantes observando uma foto da área urbana de Nova Palma em 1956). Outro estudante comentou: “As árvores lá atrás de casa que o pai teve que cortar eram minhas companheiras, agora não tem mais” (relata um estudante pensando nas mudanças que pode perceber em sua propriedade).

Depois da realização de algumas aulas com atividades práticas e reflexivas, foi solicitado aos estudantes que representassem no mapa do artefato correspondente à habilidade que estava sendo desenvolvida. Alguns conseguiram transformar simbolicamente o que estavam aprendendo com relação às mudanças na paisagem, mas a grande maioria apenas localizou os municípios pertencente ao território do Geoparque Quarta Colônia.

Nesse pequeno experimento com o artefato, observou-se a necessidade de produzir também um banner contendo o território do Geoparque para melhor visualização dos municípios que precisam ser identificados durante a atividade. Para que o estudante consiga realizar as atividades de modo satisfatório, o professor precisa desenvolver a sua aula de modo que o estudante seja convidado com frequência a se perceber naquela realidade, auxiliado por imagens e exemplos reais, seja convidado a pensar sobre aquela temática como a percebe no lugar onde mora; sendo um exercício constante de troca de área de estudo. De imediato, o uso do Atlas minimamente fará com que os estudantes localizem e saibam onde estão os nove municípios do território do Geoparque.

O artefato mostra-se um instrumento que instiga estudantes e professores a pensarem a realidade onde a escola está inserida. Atitude essa que contribui para perceber o meu lugar e, ainda, a me perceber, auxiliando na percepção de que as mais diversas dinâmicas geográficas

acontecem também na pequena comunidade onde está a sua casa e sua escola e que, por isso, o aluno pode pensá-las visando possíveis soluções sempre que se deparar com situações que causam impactos negativos para sua comunidade.

Outro ponto de contribuição do artefato é desafiar o estudante a elaborar uma representação em cores e símbolos das temáticas desenvolvidas nas aulas, quando frequentemente era feita a pergunta “como coloco isso no mapa?”. Destaca-se, com isso, a importância da mudança de abordagem dos conteúdos durante as aulas que precisam inicialmente deixar de ser uma descrição de como tal situação apresenta-se, para alcançar o entendimento de como aquela temática é percebida na área de estudo que diz respeito ao 6º ano. Para que, assim, o estudante consiga compreender aquela situação em sua comunidade e, então, quantificar e expressar sua percepção em um mapa. Esse é um movimento de compreender os dados gerais, observar e perceber os mesmos a nível local e representá-los segundo o que faz sentido, considerando a sua percepção enquanto sujeito único em constante formação e descoberta de si, em um mapa regional.

4.3 CONCLUSÕES SOBRE O ARTEFATO

Quando se busca em Geografia a compreensão dos fenômenos (ou seja, desenvolver o pensamento espacial através do raciocínio geográfico, ou ainda que o estudante não apenas descreva o ambiente, mas sim compreenda o que está vendo e descrevendo), busca-se também uma forma de registro dessas compreensões e que esses sejam a exposição da subjetividade de cada estudante ao considerar como cada um sente e vive aquele espaço, principalmente quando falamos do espaço das proximidades de onde se habita. Dessa maneira, a primeira informação que esse estudante precisa dominar é saber onde está e depois saber o que tem naquele espaço, para que depois possa compreender como funciona e finalmente possa intervir de modo inteligente, trazendo o desenvolvimento de si e do ambiente em que está atuando.

Percebeu-se, ao longo da construção do Atlas e no desenvolvimento das primeiras atividades propostas, o quanto cada estudante conhece a sua realidade, e, desse modo, deparamo-nos com a surpreendente informação de que alunos do 6º ano do Ensino Fundamental ainda não fazem a menor ideia da localização do espaço em que habitam.

Ao desenvolver com os estudantes a primeira atividade proposta no Atlas (atividade de diagnóstico sobre o que já sabem sobre o território de abrangência dos municípios da Quarta Colônia), fomos impactados uma vez que os estudantes, em sua totalidade, não sabiam quais eram os municípios pertencentes a esse território, sendo necessário recorrer ao mapa do Rio

Grande do Sul para completar a primeira instrução da atividade. Dando sequência a essa primeira atividade, a instrução era que pontuassem no mapa quais conhecimentos eles já possuíam sobre os municípios desse território e nada foi acrescentado além do nome de cada município, nem mesmo sobre o município de Nova Palma, onde está localizada a escola.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente investigação científica cumpriu o seu objetivo central ao propor, desenvolver e avaliar estratégias metodológicas capazes de conectar as diretrizes normativas da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) à realidade vivida no território do Geoparque Global da UNESCO Quarta Colônia. A articulação interdisciplinar entre os pressupostos da Geografia Humanista, da Fenomenologia e da Pedagogia Ontopsicológica demonstrou que o ensino de Geografia, quando resgata o espaço imediato como categoria fundamental de análise, deixa de ser uma mera descrição geomorfológica ou estatística para se converter em um elemento dinâmico de autodescoberta, individuação e nascimento do Eu. Conhecer e apropriar-se do ambiente de vivência revelou-se, portanto, o alicerce fundamental para a estruturação da identidade e da consciência do sujeito aprendente, promovendo a transição crucial do espaço geométrico e abstrato para o lugar de significados e afetos.

O diagnóstico realizado na fase inicial de conscientização do problema expôs uma lacuna pedagógica alarmante no contexto escolarizado: o desconhecimento quase total, por parte dos estudantes do 6º ano da E.E.E.F. Dom Érico Ferrari, acerca dos limites municipais, da identidade regional e das características geográficas do próprio território em que habitam. Essa desconexão com o espaço vivido, reflexo de um processo contemporâneo de desterritorialização e alienação cultural, confirmou a urgência de romper com metodologias puramente abstratas. Sob a ótica ontopsicológica, o ensino foi ressignificado não como uma lista de conceitos absolutos e distantes a serem memorizados para fins avaliativos, mas como uma verdadeira regra de vantagem existencial e um instrumento de autóctise histórica, instigando o jovem a compreender as dinâmicas locais para poder governar-se, discernir com critérios de realidade e atuar de forma protagonista, ética e resolutiva na sociedade em que está inserido.

A adoção do delineamento metodológico da Design Science Research (DSR) legitimou o rigor e a relevância científica do estudo através da concepção, desenvolvimento e teste de um artefato pedagógico replicável no território do Geoparque: o Atlas Geográfico da Quarta Colônia com mapas em branco vinculados às treze habilidades da BNCC propostas para o ano letivo. A aplicação prática desse material demonstrou que a transição do estudante

de um estado de leitor passivo para o de produtor e construtor de representações cartográficas estimula funções cognitivas superiores, como a abstração, a visão vertical, a descentração cognitiva e a correlação escalar. Mais do que isso, o mapa em branco atuou como um canal de expressão existencial e fenomenológica, permitindo que os alunos projetassem na base cartográfica sua toponímia, seus afetos, suas memórias de infância e suas percepções subjetivas sobre as transformações da paisagem rural e urbana. O artefato consolidou, desse modo, a síntese necessária entre a intuição e a vivência do *Em Si* do aluno e o saber histórico racional exigido pela escola.

Os resultados coletados no projeto-piloto, validados de forma criteriosa pela curadoria de especialistas em Geografia e Pedagogia, atestam que a metodologia implementada reconfigurou a atmosfera da sala de aula, substituindo a apatia por um ambiente de cooperação, engajamento e autonomia crítica. Os alunos passaram a ler o território não como algo estático, mas como um palco de relações socioambientais das quais eles e suas famílias são coautores. Como contribuição para futuras aplicações e refinamento do artefato, a pesquisa identificou necessidades logísticas e didáticas específicas, tais como a incorporação de recursos visuais complementares como um banner cartográfico de grande escala do território do Geoparque para, servir de apoio cognitivo e facilitar as etapas de localização espacial, orientação e preenchimento preciso dos mapas pelos estudantes.

Iniciativas como esta demonstram que a inovação educacional não requer tecnologias digitais complexas, mas sim uma mudança de postura epistemológica que coloque a vida e o espaço vivido no centro do processo de ensino-aprendizagem. Em suma, este trabalho oferece uma resposta teórica e prática aos desafios do ensino contemporâneo, provando que o domínio da gramática do próprio lugar é um caminho seguro para que o estudante possa, de forma crítica, analítica e autônoma, ler, compreender e intervir nas complexas dinâmicas espaciais globais sem perder suas raízes. Recomenda-se, por fim, que o modelo deste Atlas seja expandido, adaptado e incorporado aos demais anos da Educação Básica das redes municipais e estadual, acompanhado de programas de formação continuada para os professores, consagrando definitivamente o Geoparque Quarta Colônia como um laboratório vivo, permanente de consciência geográfica, sustentabilidade territorial e desenvolvimento humano integral.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/a-base>. Acesso em: 23 out 2025.

GALVÃO FILHO, Carlos Eduardo Pontes. Cartografias da experiência escolar: sentido de lugar e geograficidade no ensino de Geografia. **Revista Brasileira de Educação em Geografia**, Campinas, v. 5, n. 10, p. 310-321, jul./dez. 2015.

GOOGLE. **Gemini**. [Mountain View]: Google, 2026. Imagem gerada por inteligência artificial a partir de *prompt* textual. Disponível em: <https://gemini.google.com>. Acesso em: 12 jul. 2026.

KAWABATA, C. T. **Design Science Research no Direito**: o uso do método para a concepção de artefatos jurídicos. Londrina: Thoth, 2023.

LACERDA, D. P. et al. Design Science Research: método de pesquisa para a engenharia de produção e gestão de operações. **Gestão & Produção**, São Carlos, v. 20, n. 4, p. 741-761, 2013.

LEITE, Cristina Maria Costa. **O lugar e a construção da identidade**: os significados construídos por professores de geografia do ensino fundamental. 2012. Tese (Doutorado em Geografia) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012.

MALANSKI, Lawrence Mayer; KOZEL, Salete. Representação do espaço escolar a partir de mapeamento coletivo: uma abordagem da geografia humanista. **Ateliê Geográfico**, Goiânia, v. 9, n. 2, p. 154-169, ago. 2015.

MARCH, S. T.; SMITH, G. F. Design and natural science research on information technology. **Decision Support Systems**, [S. l.], v. 15, n. 4, p. 251-266, 1995.

MENEGHETTI, A. **Dicionário de Ontopsicologia**. 2.ed. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editora Universitária, 2012.

MENEGHETTI, A. **Pedagogia Ontopsicológica**. 3.ed. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editora Universitária, 2014.

MENEGHETTI, A. **Projeto Terra**. Recanto Maestro: Fundação Antonio Meneghetti, 2017.

PEREIRA, Luiz Andrei Gonçalves; CORREIA, Idalécia Soares; OLIVEIRA, Anelito Pereira de. Geografia fenomenológica: espaço e percepção. **Caminhos de Geografia**, Uberlândia, v. 11, n. 34, p. 185-197, jun. 2010. Disponível em: <http://www.ig.ufu.br/revista/caminhos.html>. Acesso em: 27 nov. 2026.

SILVA, Felipe Kevin Ramos da. **Geografia e fenomenologia**: por uma ontologia do espaço e do lugar. 2015. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura Plena em Geografia) – Centro de Ciências Sociais e Educação, Universidade do Estado do Pará, Belém, 2015.

SIMIELLI, Maria Elena. Cartografia no ensino fundamental e médio. In: CARLOS, Ana Fani Alessandri (Org.). **A Geografia na sala de aula**. São Paulo: Contexto, 1999. p. 92-108.

SIMON, H. A. **The sciences of the artificial**. 3. ed. Cambridge: MIT Press, 1996.

TUAN, Yi-Fu. **Topofilia**: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente. Tradução de Livia de Oliveira. São Paulo: Difel, 1980.

ANEXO A – MEU ATLAS DO GEOPARQUE QUARTA COLÔNIA



MEU ATLAS DO GEOPARQUE QUARTA COLÔNIA

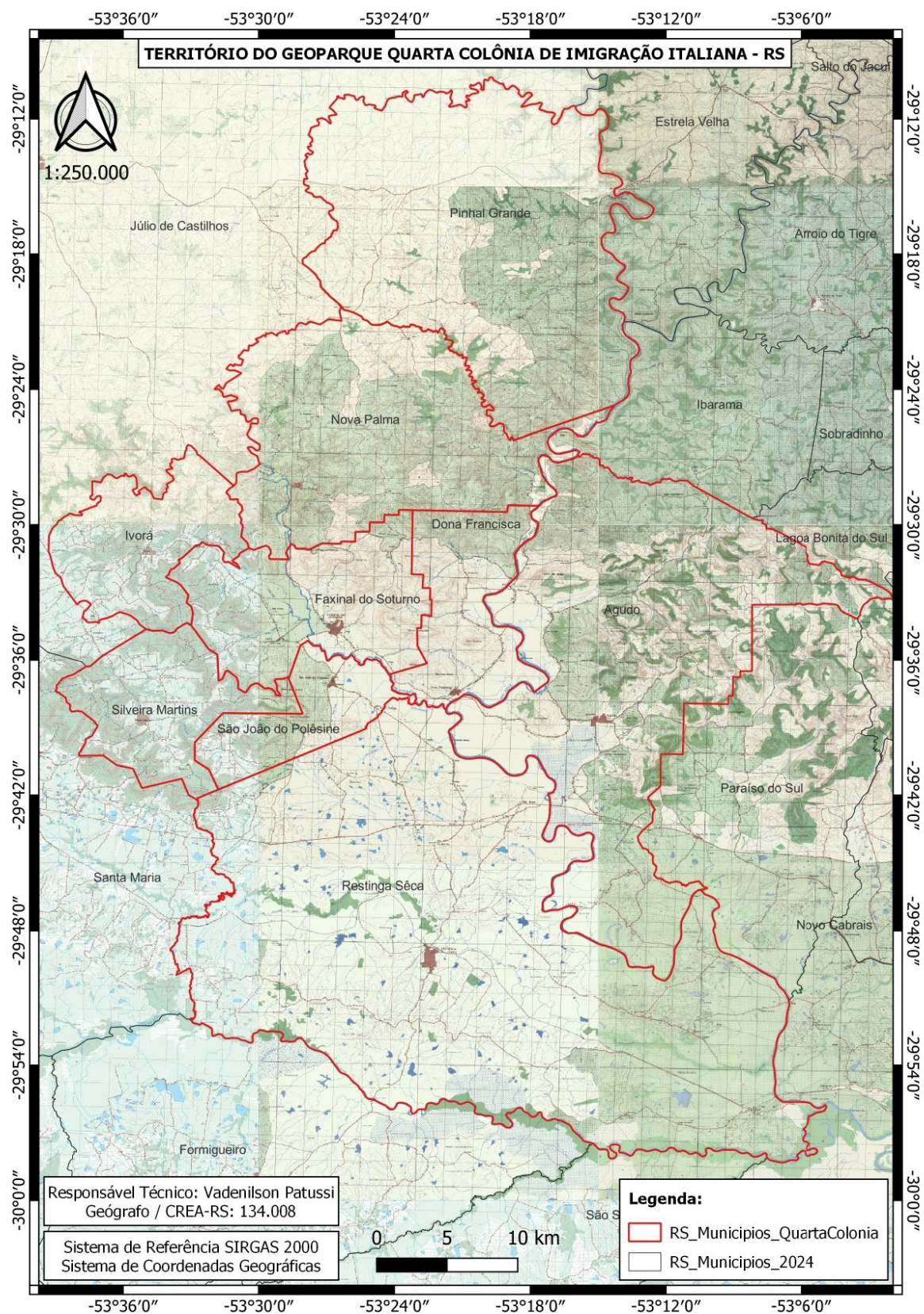
ENQUANTO ISSO NA TERRA DOS
DINOSSAUROS

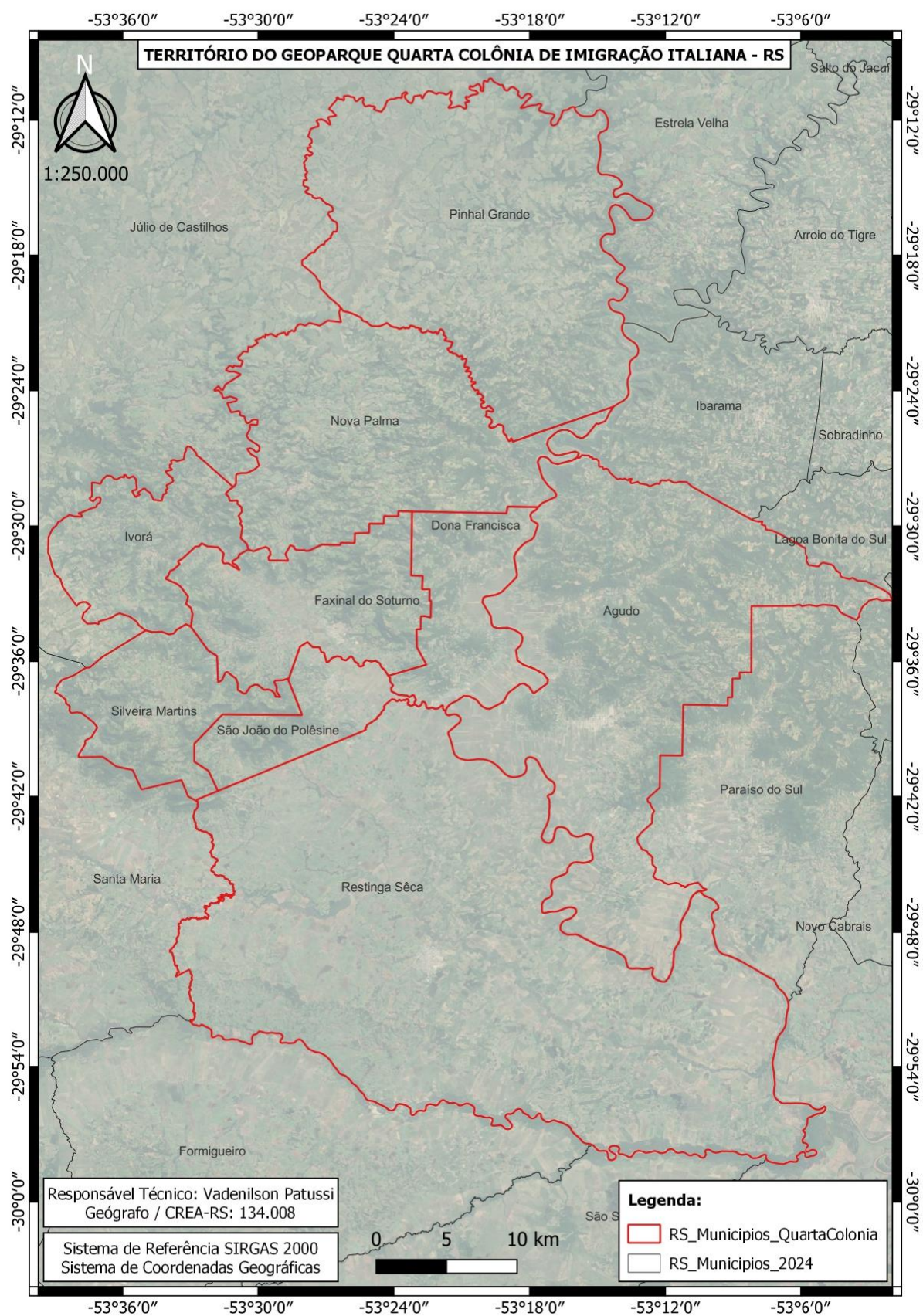
Artefato do Artigo apresentado na conclusão do curso de Especialização em Pedagogia Ontopsicológica – Faculdade Antonio Meneghetti, sob a orientação do professor Bruno Fleck.

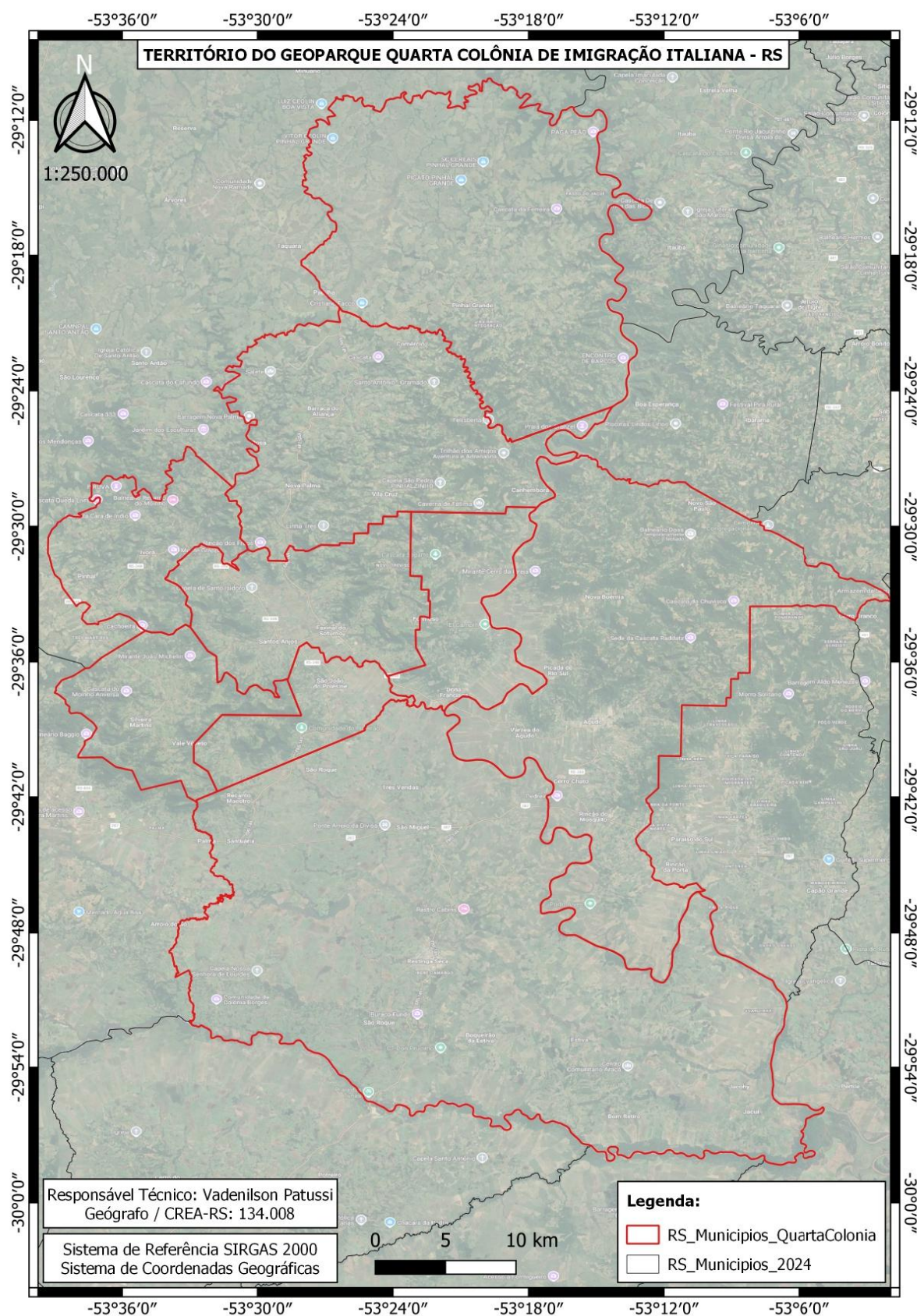
Organização: Paula Savegnago Rossato – professora de geografia
Mapas: Vadenilson Patussi- geógrafo

Material Didático complementar para aulas de geografia nos municípios pertencentes ao território do Geoparque Quarta Colônia de Imigração Italiana.
Material Consumível/2026

MAPAS DE APOIO







Olá, professor e estudante do 6º Ano!

Preparamos para você esse material para lhe acompanhar durante as aulas de Geografia desse ano.

Esse é um material com atividades para que você possa registrar seus conhecimentos sobre o Território do Geoparque Quarta Colônia.

Para cada habilidade que o professor de Geografia for trabalhando ao longo do ano letivo, você poderá realizar suas pesquisas e representá-las nos mapas desse material.

Conhecer melhor o lugar em que vivemos é também conhecer melhor a nós mesmos. Seja curioso e bons estudos!!!

Atlas do: _____

Escola: _____

Ano: _____

LEMBRETE AO PROFESSOR: Esse material é um *recurso pedagógico extra* e serve como incentivo para que ao final de cada uma de suas aulas seja possível através da habilidade já desenvolvida para atender a matriz curricular conhecer um pouco mais o território do Geoparque Quarta Colônia. *Não se trata por tanto de um planejamento didático* específico de cada habilidade de geografia para o 6ºano.

Aula 01

Para nos acompanhar nessa aventura pelo Geoparque Quarta Colônia, teremos a companhia do nosso amigo Simão, um quero-quero sabichão que adora contar histórias. Imaginem vocês que Simão já espalhou boatos em Nova Palma de que existe uma turma de crianças que está querendo bancar os cientistas e descobrir tudo sobre esse tal Geoparque.



Gerado por Google Gemini (2026).

- Mal sabem eles que, para fazerem isso de um modo excelente, vão precisar de mim! — disse Simão para a diretora Maria no pátio da escola, quando é surpreendido por algumas crianças empolgadas que o convidam para acompanhá-los em suas aventuras.
- Vamos conosco, Simão?
- Onde?
- Conhecer o Geoparque Quarta Colônia. Vai ser muito divertido! Deve ter muitos brinquedos nesse tal parque.
- Jesus amado, crianças, vocês precisam de ajuda mesmo!
- Sim. Mas por que você fala isso, Simão?
- Porque o Geoparque não é um parque.
- É o que é então?
- É um território que compreende nove municípios que possuem características geológicas, geomorfológicas, paleontológicas e culturais exclusivas no mundo.
- Como assim, Simão? Território? Geológicas? Geomorfológicas? Paleontológicas? Culturais? Exclusivas?

— Aí, aí, aí! Vamos lá, gurizada!

DESAFIO 1: Como Simão vai fazer para que seus novos amigos descubram o que é cada uma dessas palavras?



Gerado por Google Gemini (2026)

Muito bem, crianças! As ideias dadas a Simão foram ótimas; agora todos entenderam direitinho o que é um Geoparque. Simão trouxe um mapa do Geoparque e quer a ajuda de vocês para completá-lo.

DESAFIO 2: Simão quer construir um livro de memórias e, para isso, gostaria de colocar um mapa com informações que expliquem o que é o Geoparque Quarta Colônia. O mapa que estiver com as informações mais completas irá para o livro de memórias de Simão. (Ver mapa 01)

Aula 02

Habilidade 01: Comparar modificações das paisagens nos lugares de vivência e os usos desses lugares em diferentes tempos.



Gerado por Google Gemini (2026)

Hoje, Símão acordou com muita vontade de lembrar os tempos em que voava por alguns quilômetros e não avistava nenhuma construção humana. Isso o deixava angustiado, pois sabia que, se precisasse de ajuda, ia demorar a encontrar casas. Hoje ele voa mais tranquilo, pois restam poucos lugares onde as distâncias entre as obras humanas são tão grandes.

O que aconteceu para que houvesse essa mudança nas paisagens?

DESAFIO 3: Quem quer ajudar o Símão com seu livro de memórias? Ele está precisando de mais um mapa; dessa vez vai ser necessário usar a sua criatividade e pintar o mapa como você imagina que era o território do Geoparque antes da ocupação humana. Hoje o desafio vale um chocolate. (Ver mapa 02)

Aula 03

Habilidade 02: Analisar modificações de paisagens por diferentes tipos de sociedade, com destaque para os povos originários.



Gerado por Google Gemini (2026)

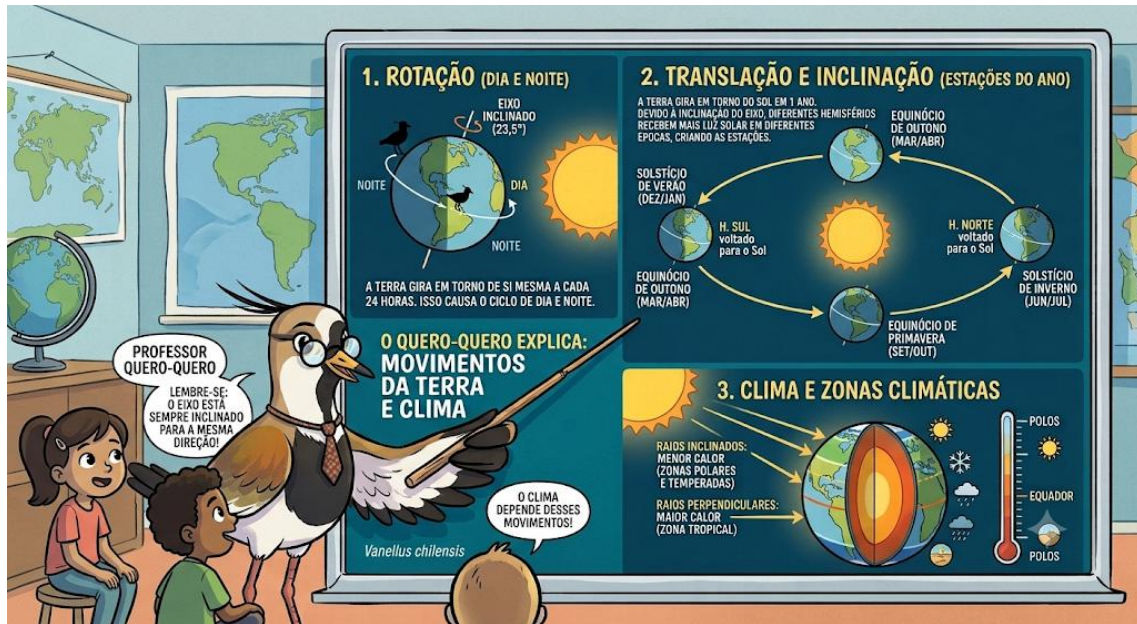
Está ficando muito lindo o livro de memórias de Símlão! Ele tem uma novidade para contar que acabou de descobrir: vocês sabiam que, nesse tempo antigo de que conversamos nas aulas anteriores, viviam aqui grupos de pessoas que chamamos de povos originários? Aiaiaia, se conheço bem o Símlão, ele não vai nos contar toda a história! Queria muito saber quem eles eram, como viviam, onde e como eram suas casas. Vamos descobrir?

DESAFIO 4: Descobrir a história dos povos originários, já que o Símlão não quer contar. Para mostrar a ele que somos muito inteligentes, vamos colocar tudo o que descobrirmos no nosso mapa, e quem fizer o mais completo vai entregá-lo a ele para colocar no seu livro de memórias. (Ver mapa 03)

Aula 04

Habilidade 03: Descrever os movimentos do planeta e sua relação com a circulação geral da atmosfera, o tempo atmosférico e os padrões climáticos.

Nossa!! Vocês me surpreenderam com esse mapa dos povos originários, por isso vou lhes dar mais um desafio.



Gerado por Google Gemini (2026)

DESAFIO 5: Vocês acabaram de ouvir a professora falar sobre clima. Como será que podemos fazer o registro dessa informação no nosso mapa do geoparque? O primeiro que der a ideia mais inteligente ganha 10 minutos a mais de recreio. (Ver mapa 04)

Aula 05

Habilidade 04: Descrever o ciclo da água, comparando o escoamento superficial no ambiente urbano e rural, reconhecendo os principais componentes da morfologia das bacias e das redes hidrográficas e a sua localização no modelado da superfície terrestre e da cobertura vegetal.



Gerado por Google Gemini (2026)

DESAFIO 6: Pessoal, eu adoro voar sobre as águas, pois elas muitas vezes parecem espelhos e, assim, consigo ver como sou lindo! Mas estou com muita dificuldade de memorizar o nome e o trajeto dos maiores rios que há no nosso Geoparque. Vocês podem me ajudar? Trouxe brindes para os meus ajudantes hoje! (Ver mapa 05)

Aula 06

Habilidade 05: Relacionar padrões climáticos, tipos de solo, relevo e formações vegetais.

DESAFIO 7: Acordei pensativo hoje: o que mais vocês enxergam que tem em nosso Geoparque além dos rios que já comentamos? Quando vocês abrem a janela de casa ou saem para vir à escola, o que conseguem ver? Essa charada é muito boa! Estou querendo que vocês me falem sobre três coisas que podemos ver em todos os lugares. Tenho um bombom para quem souber e dois para quem conseguir colocar tudo isso no mapa. (Ver mapa 06)

Aula 07

Habilidade 06: Identificar as características das paisagens transformadas pelo trabalho humano a partir do desenvolvimento da agropecuária e do processo de industrialização.



Gerado por Google Gemini (2026)

DESAFIO 8: O meu livro de memórias já está com seis mapas, mas ainda quero colocar mais. Vocês podem continuar me ajudando? Agora, valendo um super prêmio para quem descobrir como fica tudo isso (clima, relevo, vegetação e solo) quando o homem precisa se instalar e trabalhar para sustentar sua família. Será que ainda temos paisagens naturais e paisagens transformadas no território do nosso Geoparque? Como podemos registrar isso em mais um mapa para o meu livro de memórias? (Ver mapa 07)

Aula 08

Habilidade 07: Explicar as mudanças na interação humana com a natureza a partir do surgimento das cidades.

DESAFIO 9: Na aula anterior, chegamos à conclusão de que existem paisagens transformadas pela ação humana e de que as principais são as áreas urbanas. Valendo uma medalha de campeão para quem colocar no mapa primeiro e de maneira mais exata a localização onde estão as nove cidades dos municípios do Geoparque Quarta Colônia. (Ver mapa 08)

Aula 09

Habilidade 08: Medir distâncias na superfície pelas escalas gráficas e numéricas dos mapas.



Gerado por Google Gemini (2026)

DESAFIO 10: Adorei todas essas cidades, mas, como meu tempo é muito curto, só consigo visitar cinco delas nesta semana. Quem vai ser meu roteirista de viagem e escolher quais vou conhecer? Quero saber também a distância em quilômetros que há em linha reta entre as cidades que vou conhecer, pois preciso saber quanto tempo vou ter que voar para chegar de uma cidade a outra. (Ver mapa 09)

Aula 10

Habilidade 09: Elaborar modelos tridimensionais, blocos-diagramas e perfis topográficos e de vegetação, visando à representação de elementos e estruturas da superfície terrestre.

DESAFIO 11: Meus queridos amigos, tenho um sonho que espero que vocês me ajudem a concretizar. Sei que aprenderam muitas coisas nas aulas de geografia e já

fizeram diversos mapas; meu livro de memórias já tem nove mapas lindos, mas agora quero fazer um mapa diferente, um mapa 3D. Quem me ajuda? O que podemos representar em 3D dos elementos que temos aqui no nosso Geoparque? Vou entregar um certificado de "Amigo de Ouro do Simão" para todos que me ajudarem a fazer essa tarefa. (Ver mapa 10)

Aula 11

Habilidade 10: Explicar as diferentes formas de uso do solo (rotação de terras, terraceamento, aterros, etc.) e de apropriação dos recursos hídricos (sistema de irrigação, tratamento e redes de distribuição), bem como suas vantagens e desvantagens in diferentes épocas e lugares.

DESAFIO 12: Como sou um quero-quero muito curioso, quero saber de tudo o que fazem no Geoparque. Vocês me ajudam? Vamos construir um Mapa de Uso do Solo do Geoparque? O que acham de usarmos cores e construirmos uma legenda para identificar o que é feito em cada lugar do nosso território? (Ver mapa 11)

Aula 12

Habilidade 11: Analisar distintas interações das sociedades com a natureza, com base na distribuição dos componentes físico-naturais, incluindo as transformações da biodiversidade local e do mundo.



Gerado por Google Gemini (2026)

DESAFIO 13: Meus caros estudantes! Tenho uma pergunta bem importante e séria para vocês hoje! Será que tudo o que o homem faz aqui no nosso território, quando modifica o ambiente, é algo negativo? Será que algumas obras humanas podem ser consideradas positivas e trazer evolução para o nosso território? Pensando nisso, vamos

lá para o nosso mapa! Você consegue me ajudar e me mostrar no mapa onde temos obras humanas negativas e onde temos obras positivas? (Ver mapa 12)

Aula 13

Habilidade 12: Identificar o consumo dos recursos hídricos e o uso das principais bacias hidrográficas no Brasil e no mundo, enfatizando as transformações nos ambientes urbanos.

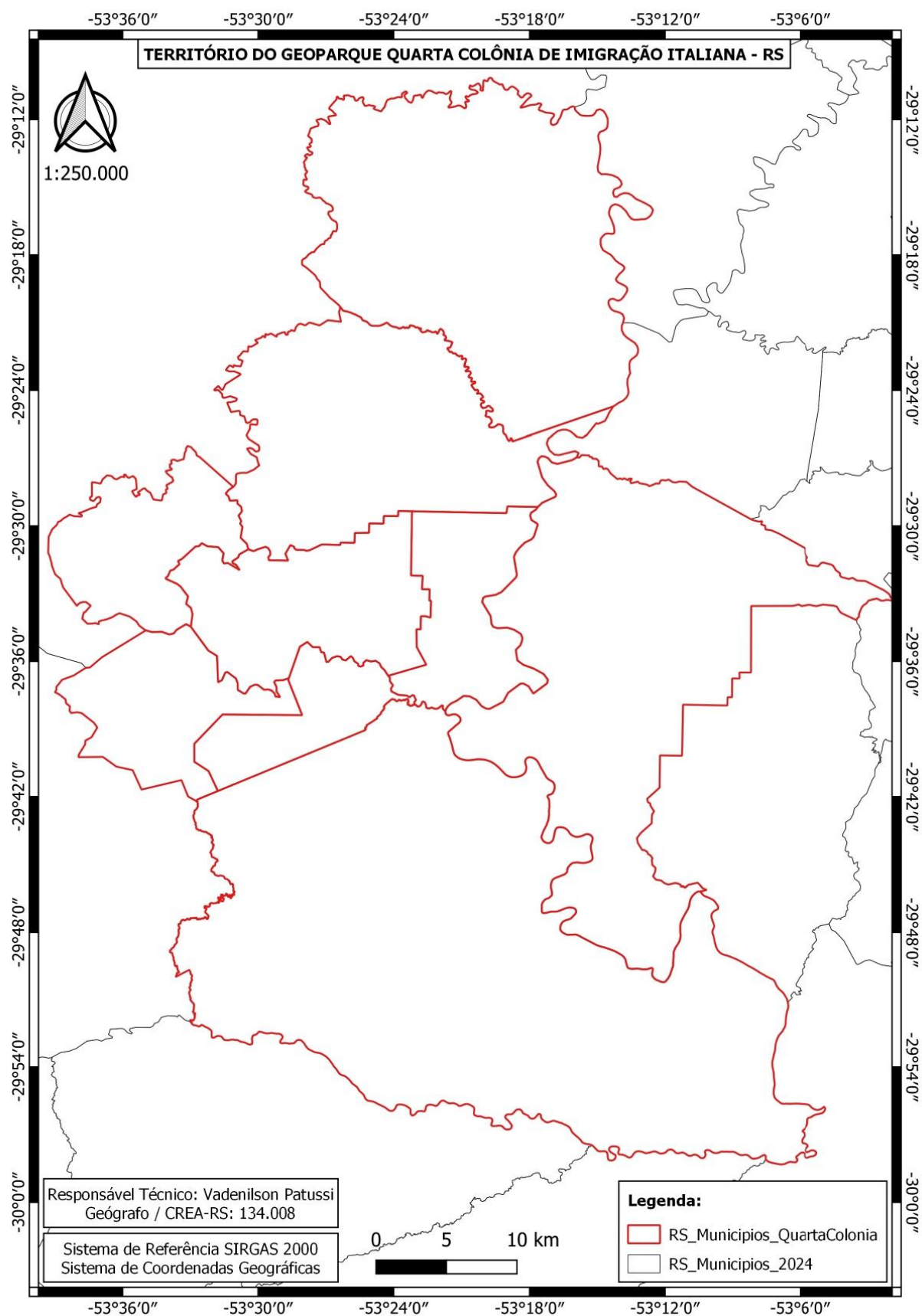
DESAFIO 14: Vocês lembram do desafio da aula passada? Agora quero saber: para que vocês, humanos, usam os rios do nosso Geoparque? Quero ver quem consegue representar esses usos dos rios no nosso mapa! Lembrando que o mais completo eu vou colocar no livro de memórias, que vai ficar na biblioteca da escola. (Ver mapa 13)

Aula 14

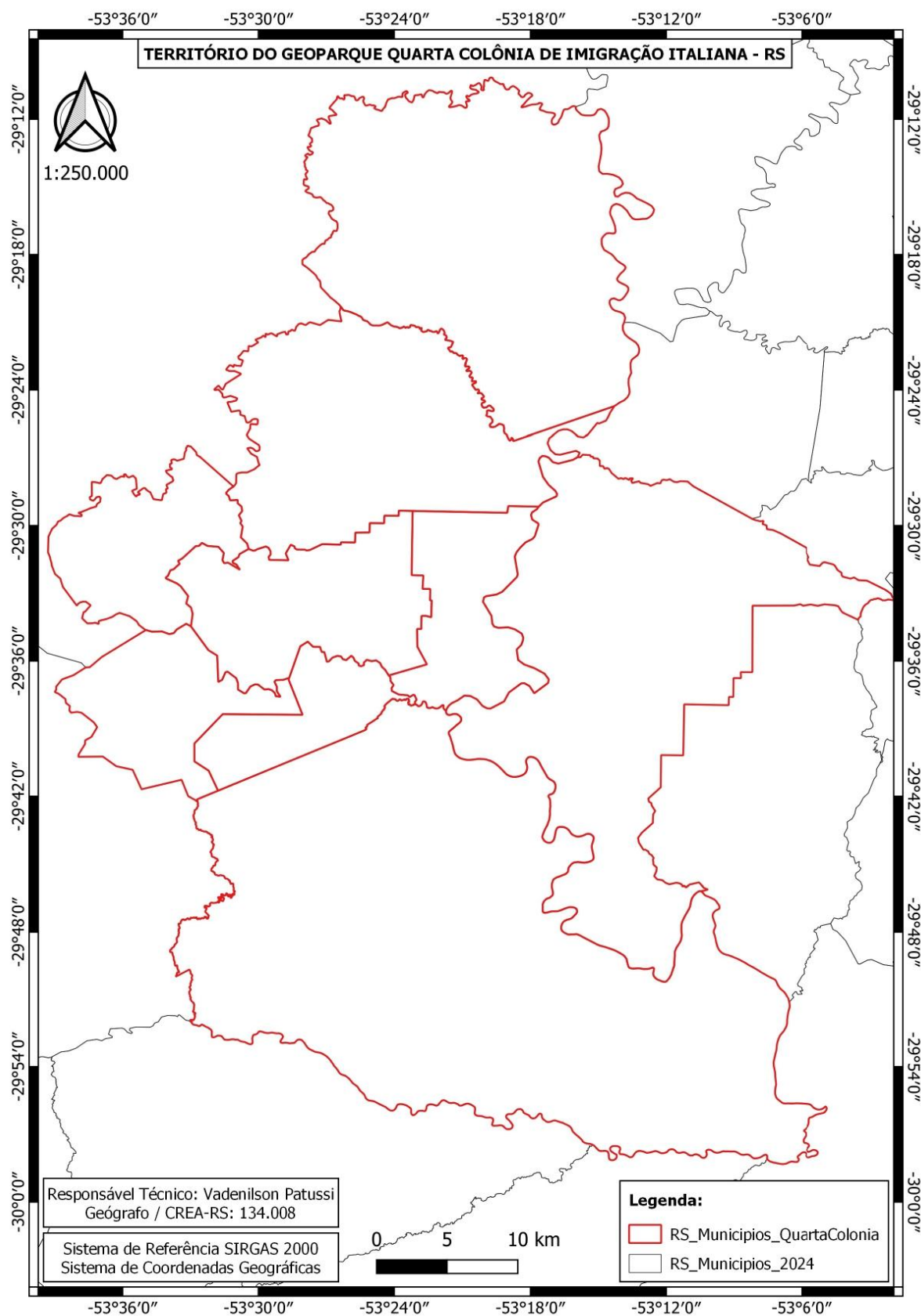
Habilidade 13: Analisar consequências, vantagens e desvantagens das práticas humanas na dinâmica climática (ilha de calor, etc.).

DESAFIO 15: Chegamos ao nosso último desafio e o mais difícil de todos! Esse mapa vai ser a capa do meu livro de memórias! Vocês acham que as atividades humanas desenvolvidas aqui no território do Geoparque Quarta Colônia modificam os elementos climáticos da região? Localize no mapa onde isso pode estar acontecendo. (Ver mapa 14)

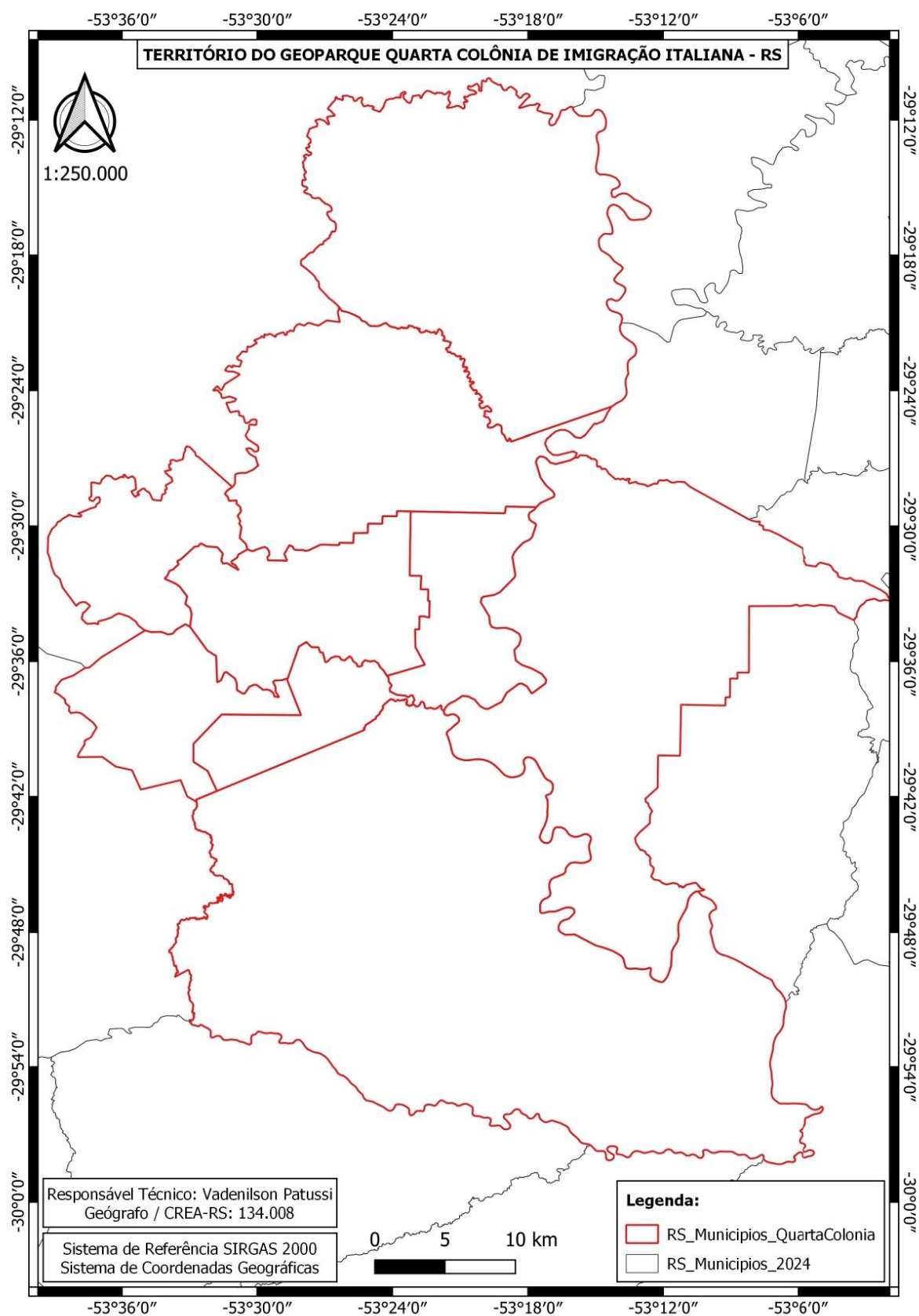
Mapa 01



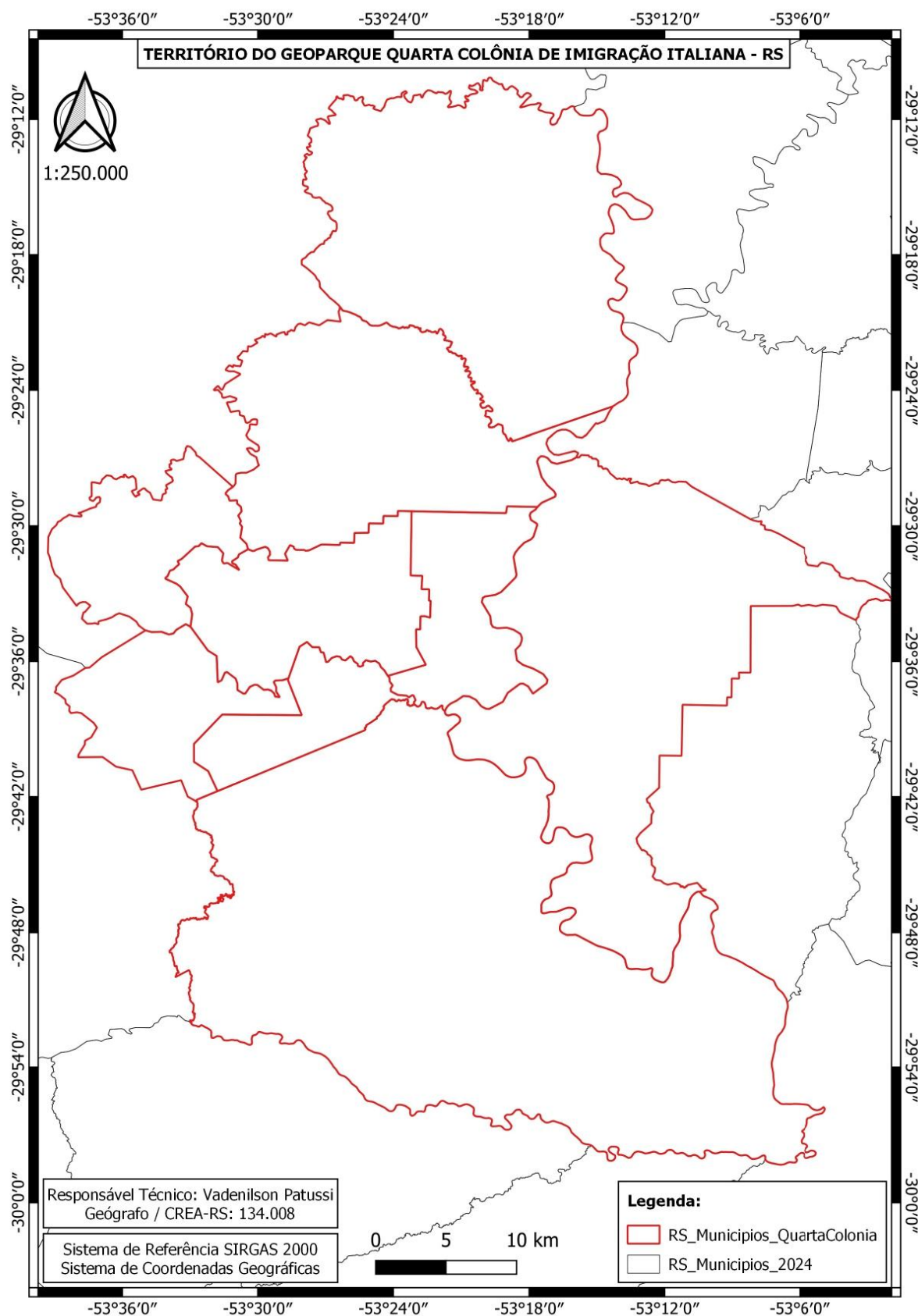
Mapa 02



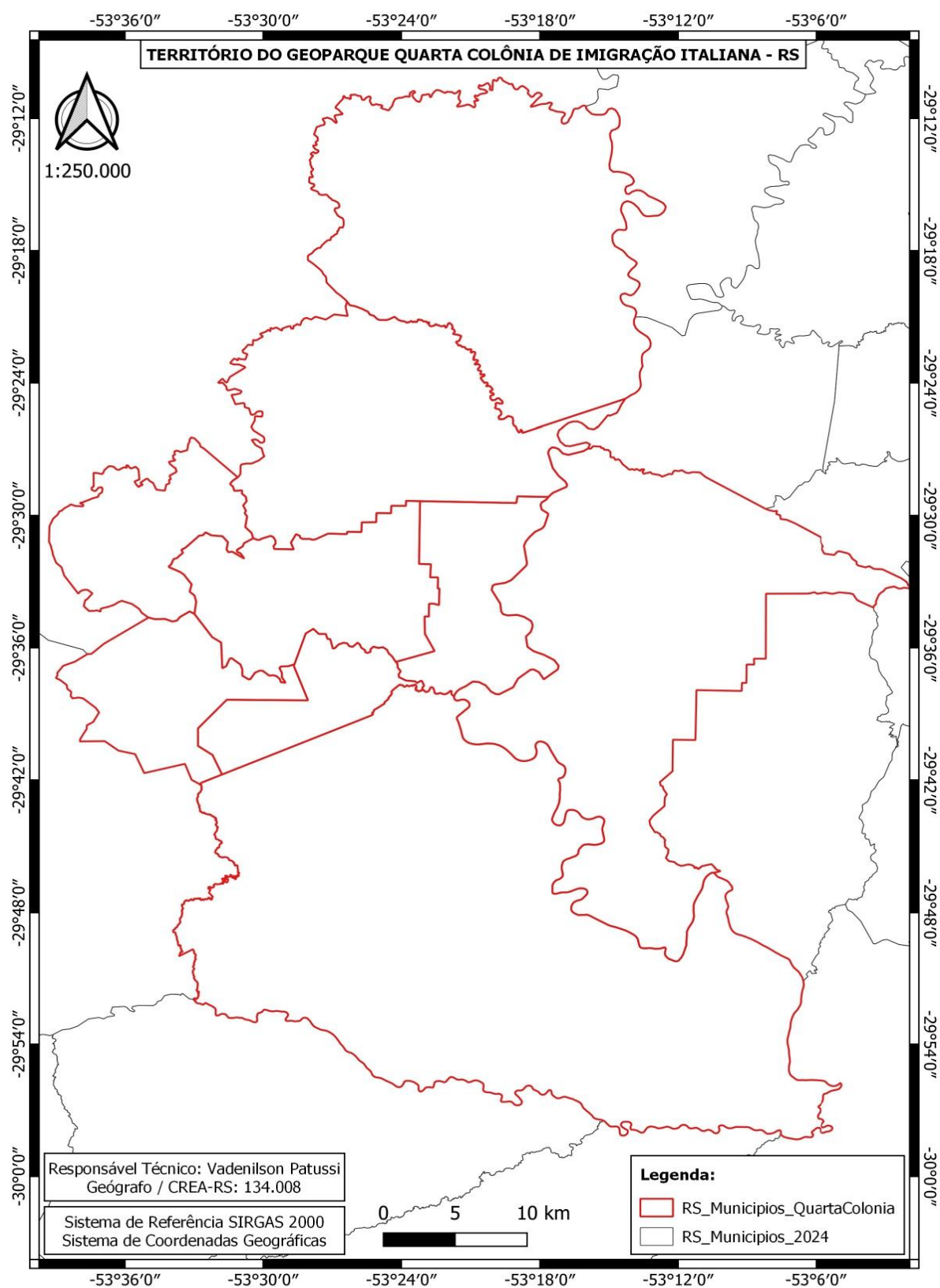
Mapa 03



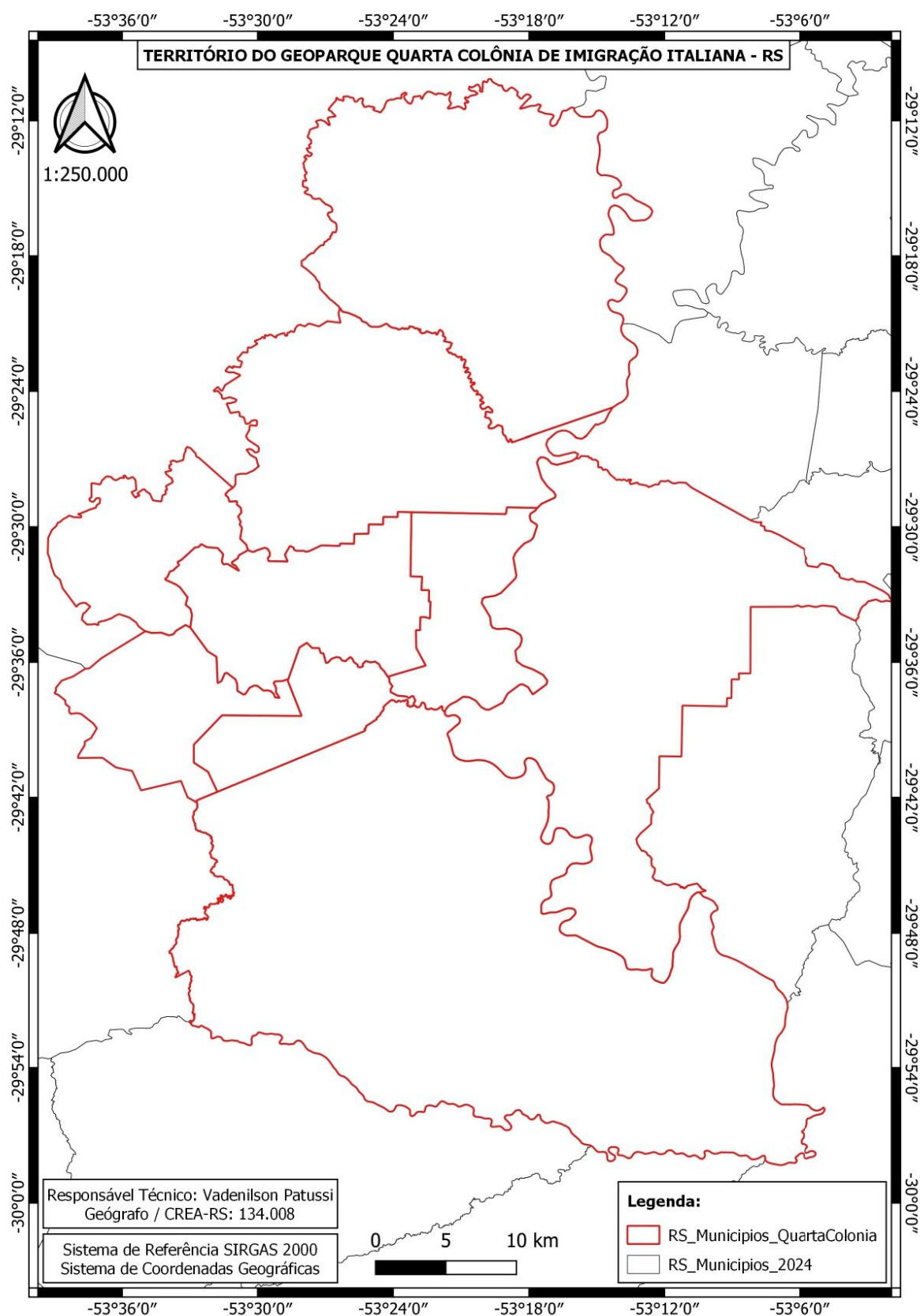
Mapa 04



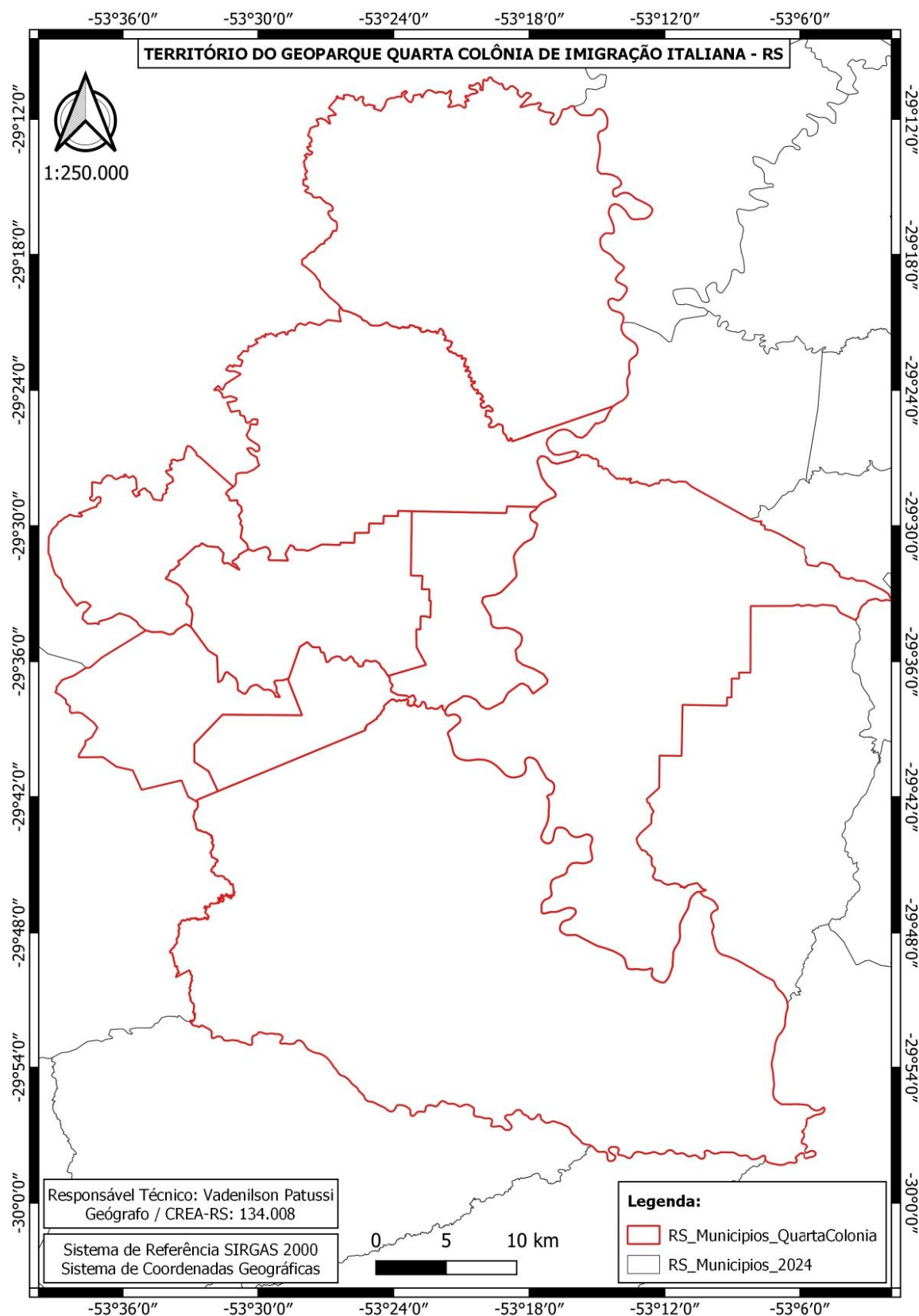
Mapa 05



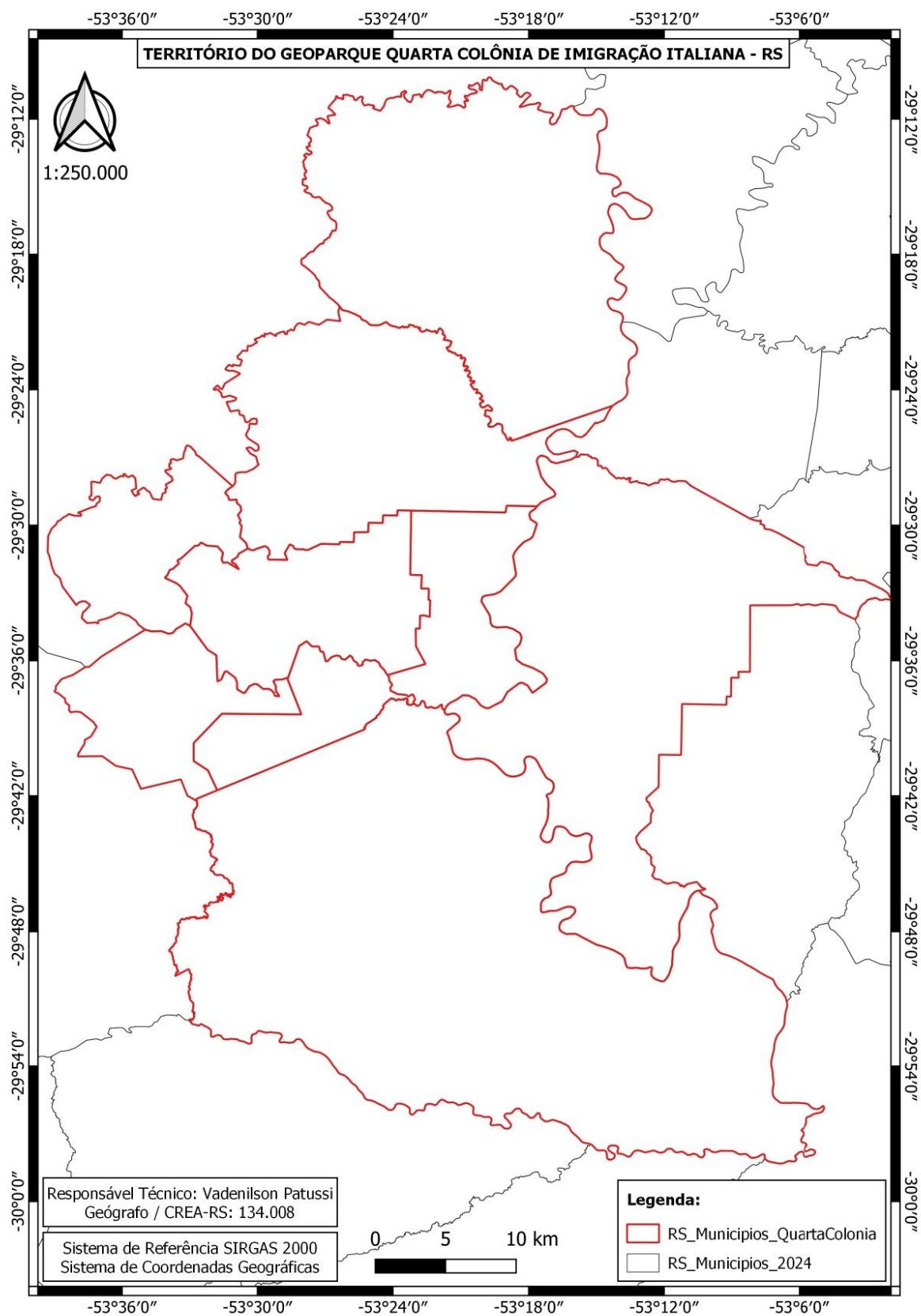
Mapa 06



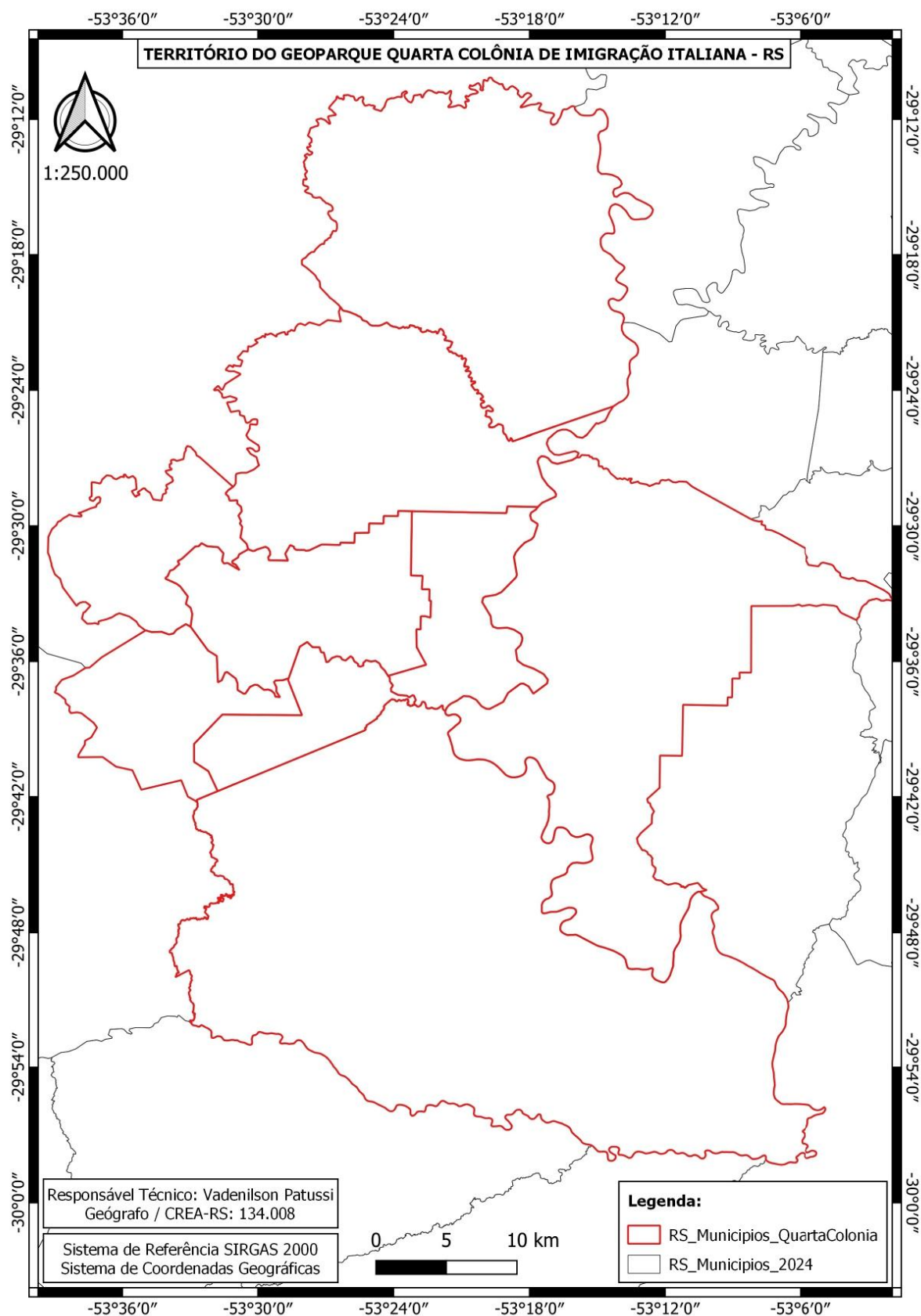
Mapa 07



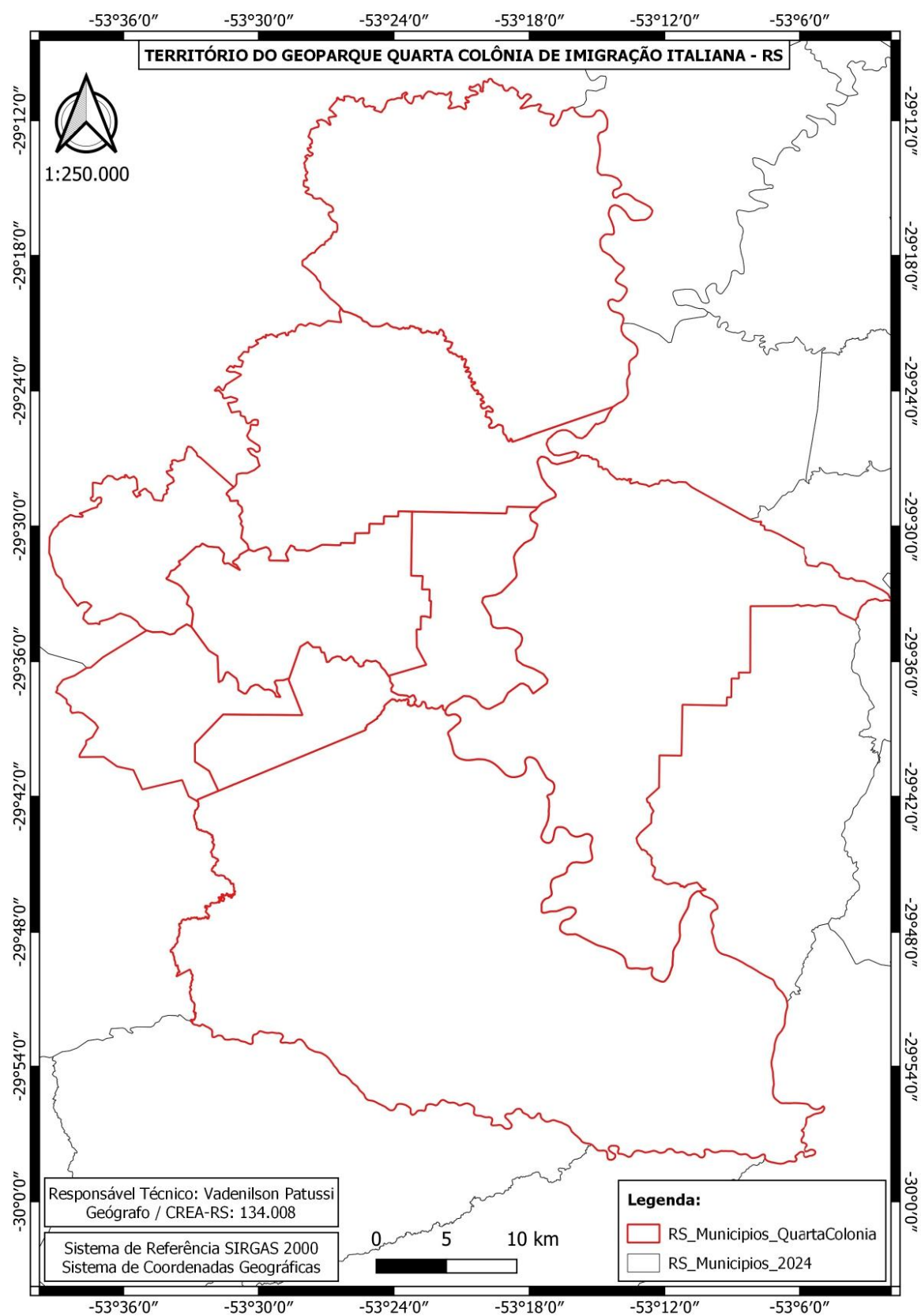
Mapa 08



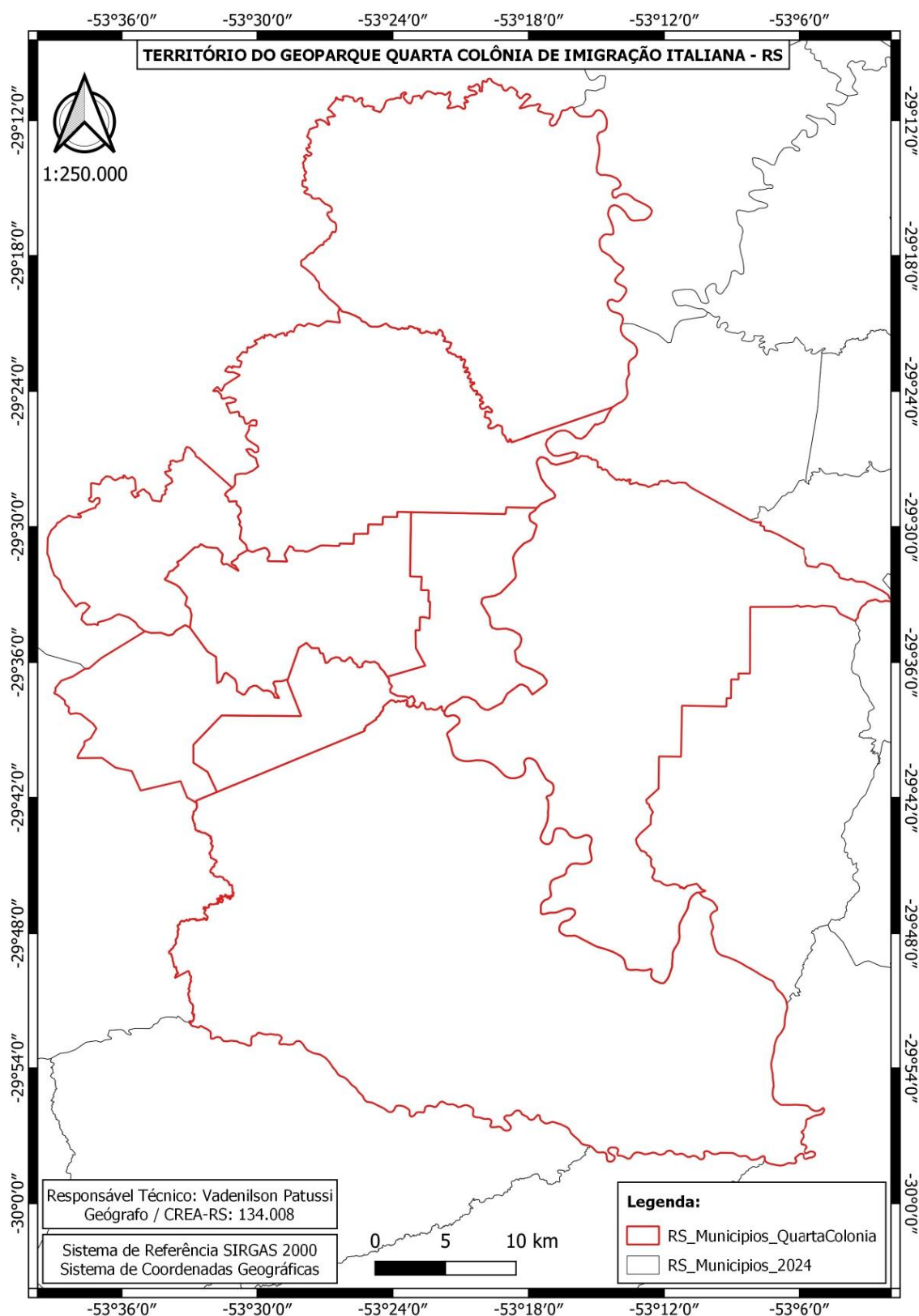
.Mapa 09



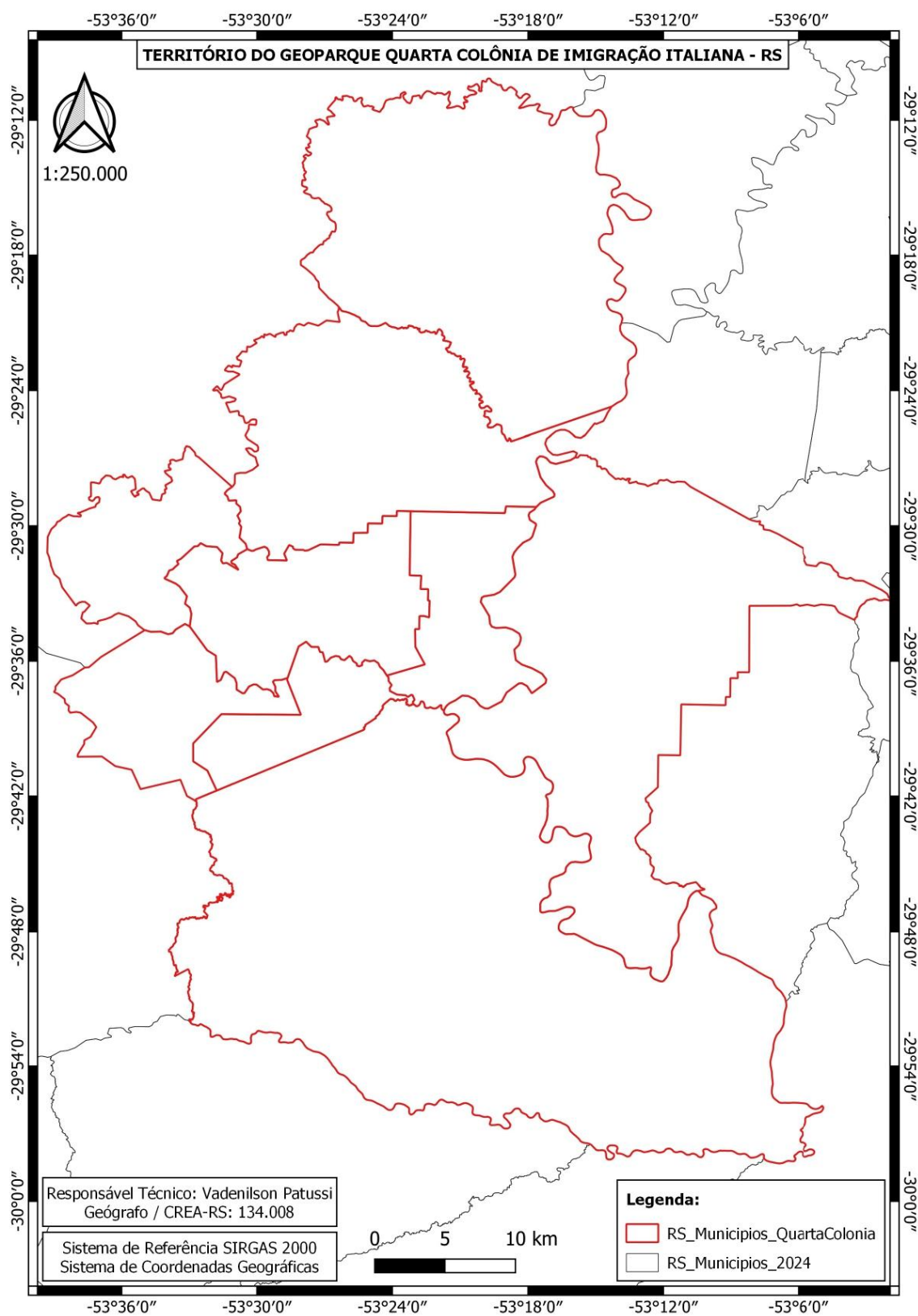
.Mapa10



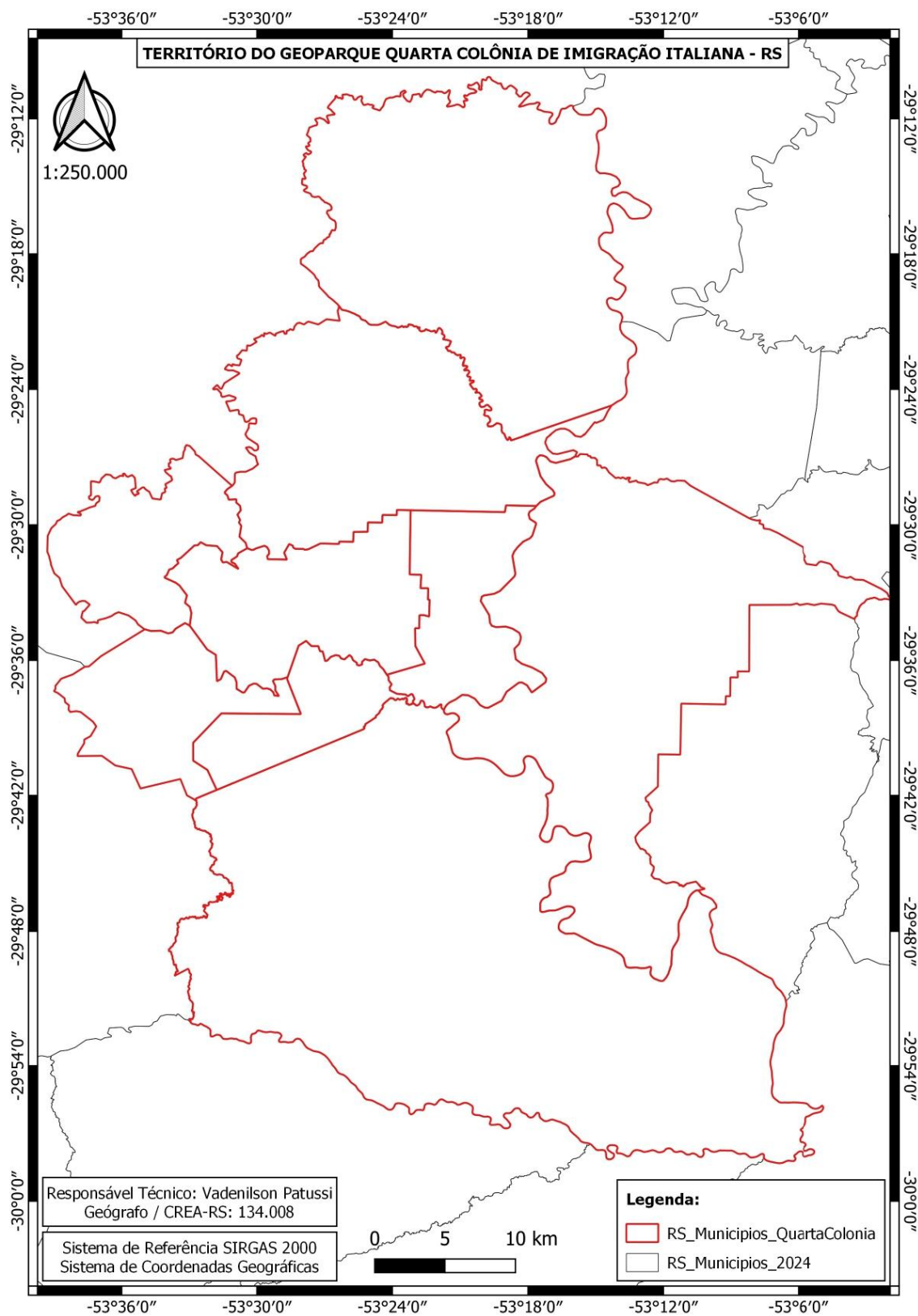
Mpa 11



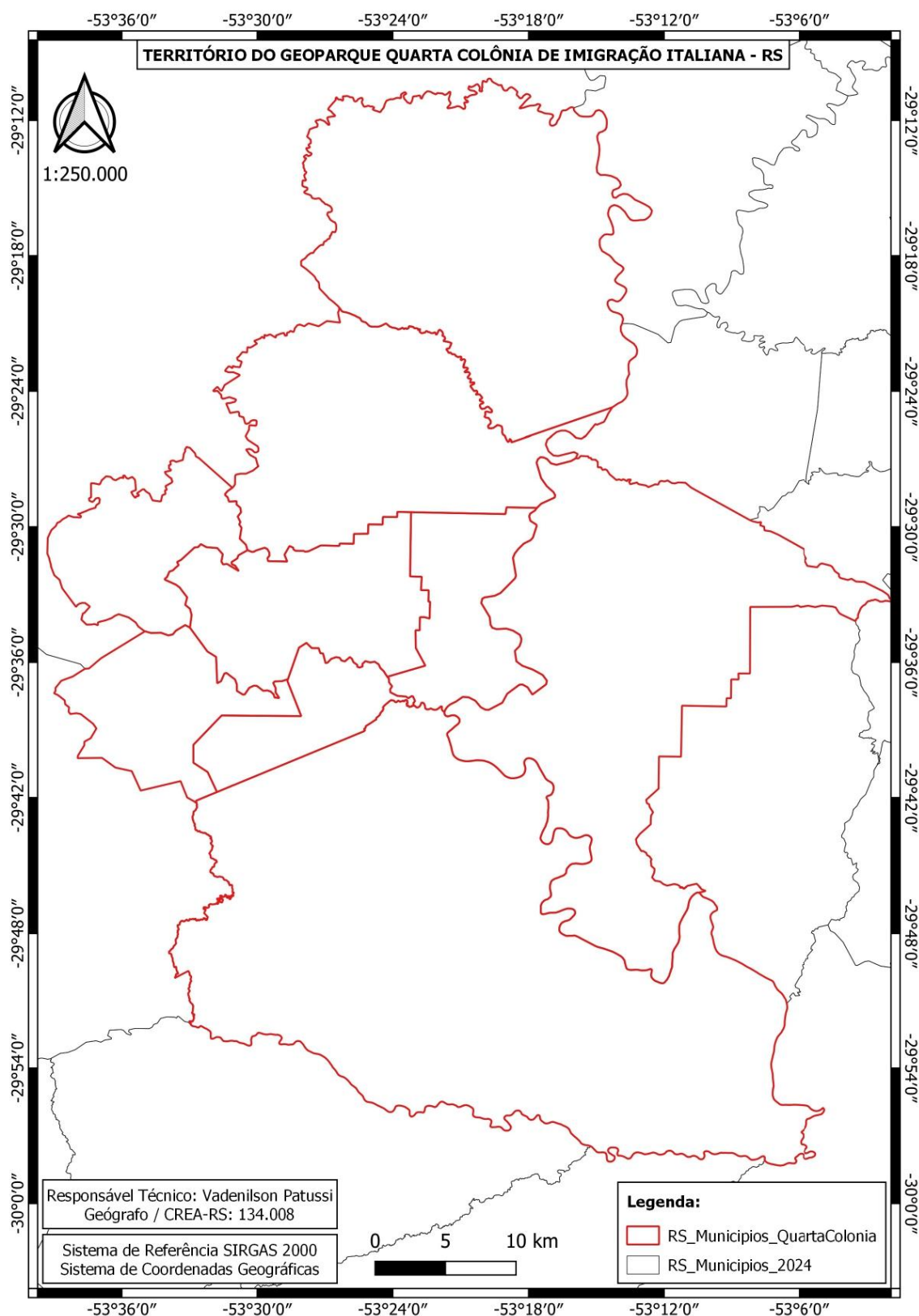
Mapa 12



Mapa 13



Mapa 14



Depois dessa jornada, conhecendo o território do geoparque Quarta Colônia, acompanhado pelo Simão, os colegas e professor(a), quais atividades ajudaram você a se conhecer melhor e também conhecer o lugar onde vive?

[illegible]

ANEXO B – ANÁLISE DAS HABILIDADE DA BNCC DE GEOGRAFIA PARA O 6º ANO

Os documentos orientadores da educação básica estão pautados no desenvolvimento de competências a partir do desenvolvimento de habilidades, desse modo, em cada ano, cada disciplina da educação básica possui um rol de habilidades a serem construídas visando a desenvolver competências que são necessárias para o desenvolvimento integral de cidadãos críticos e que saibam atuar de forma resolutiva na sociedade.

Considerando o objetivo deste trabalho, vamos construir indicativos de elaboração dos mapas para os estudantes, segundo o que pontua a habilidade e do ponto de vista da Geografia Humanista e da Ciência Ontopsicológica.

No que se refere à Habilidade 01 *comparar modificações das paisagens nos lugares de vivência e os usos desses lugares em diferentes tempos*, pode ser feita uma atividade com fotos antigas de alguns lugares, fotos essas que os próprios alunos podem trazer de casa ou de uma pesquisa na internet, ou mesmo nas prefeituras municipais. Solicitar aos estudantes que conversem com seus familiares sobre mudanças e quais delas eles perceberam ao longo dos seus 12 anos de vida. Para o mapa, pode se deixar livre para que registrem as mudanças que mais chamaram atenção ou indicar que façam isso com um tema específico (vegetação, rios, casas, lavouras, etc.). A Habilidade 02 *analisar modificações de paisagens por diferentes tipos de sociedade, com destaque para os povos originários* está relacionada à habilidade 01 por se tratar da mesma temática, o que muda é o verbo relacionado à habilidade que se quer criar (do verbo *comparar* para o verbo *analisar*), com atenção para os povos originários. Após o desenvolvimento da aula em que o professor poderá mostrar aos estudantes o modo como os povos originários vivem e viviam, pode-se fazer uma investigação do que temos na Quarta Colônia de informação sobre a presença de povos originários nesse território, sendo essas informações colocadas no mapa. Também, é possível organizar visitas aos locais que marcam a presença desses povos na Quarta Colônia.

Já a Habilidade 03 *descrever os movimentos do planeta e sua relação com a circulação geral da atmosfera, o tempo atmosférico e os padrões climáticos* requer dos estudantes a percepção de como acontece a dinâmica climática no dia a dia. É importante esclarecer inicialmente alguns conceitos e como tudo funciona no que se refere ao clima bem como os tipos de clima existentes no planeta, seus elementos e fatores. Pode-se construir um diário onde cada estudante anotarà diariamente as suas percepções com relação aos tipos de tempo que se sucedem, pois essa configuração de sucessão de tipos de tempo é que

caracteriza as especificidades microclimáticas e, desse modo, os estudantes podem representar no mapa do território do Geoparque o modo como os elementos climáticos se apresentaram durante o período de observação. Seguindo nessa mesma linha, temos a Habilidade 04 *descrever o ciclo da água, comparando o escoamento superficial no ambiente urbano e rural, reconhecendo os principais componentes da morfologia das bacias e das redes hidrográficas e a sua localização no modelado da superfície terrestre e da cobertura vegetal*, que traz o verbo *descrever* e, assim como a habilidade anterior, após as explicações e elucidações de conceitos e estruturas-chave, pode-se colocar os estudantes a observarem a paisagem onde a escola está inserida para que reconheçam nela os conceitos e as estruturas que a teoria trouxe. Por se tratar de elementos estáticos na paisagem (relevo, vegetação e hidrografia), podemos recorrer ao recurso das imagens de satélite dos municípios pertencentes ao território do Geoparque Quarta Colônia. Desse modo, os estudantes poderão observar como se apresentam esses elementos (hidrografia, relevo e vegetação) na nossa região e, diante do mapa (podendo ser construídos três diferentes mapas), poderão fazer o registro nos diversos municípios de o que mais lhes impactou e ainda apresentar para a turma os porquês de tais registros.

A Habilidade 05 *relacionar padrões climáticos, tipos de solo, relevo e formações vegetais* requer um elevado nível de compreensão e concentração dos estudantes, pois o verbo presente é *relacionar* e isso nos indica conhecer bem todas as características apresentadas até aqui e, nesse momento, observar onde e como umas interferem nas outras. Considerando o fato de os estudantes já terem em mãos os mapas do Geoparque com suas representações das habilidades anteriores, pode ser feito o cruzamento dos mapas e, assim, compreender a disposição de elementos da paisagem com aglomerados urbanos, estradas, rios, divisas territoriais, devastações, problemas ambientais, ocupação rural, etc. Além disso, pode-se produzir o mapa dessas relações desafiando os alunos que, ao perceberem “problemas”, possam pensar soluções considerando os elementos da paisagem que foram estudados.

Com isso, prepara-se os estudantes para o que exige a Habilidade 06 *identificar as características das paisagens transformadas pelo trabalho humano a partir do desenvolvimento da agropecuária e do processo de industrialização*. Por meio de imagens de satélite disponíveis na internet, pode-se propor um passeio aéreo com os estudantes para que possam visualizar dentro do território do geoparque as áreas em que a paisagem apresenta a obra humana e, desse modo, fazer o registro em seu mapa do que mais lhe chamou a atenção em cada município, lembrando sempre da importância de dar tempo para que expliquem suas escolhas.

Com a Habilidade 07 *explicar as mudanças na interação humana com a natureza a partir do surgimento das cidades*, temos o verbo *explicar* e, portanto, quem precisa desenvolver essa habilidade é o aluno, podendo-se organizar um debate em que os estudantes falarão sobre as grandes e pequenas cidades e como são as cidades do Geoparque Quarta Colônia. Após a realização do debate, cada estudante pode pegar seu mapa e, na Habilidade 7, localizar cada um dos espaços urbanos dos municípios do Geoparque, usando cores e símbolos (os estudantes devem explicar suas escolhas).

A Habilidade 08 *medir distâncias na superfície pelas escalas gráficas e numéricas dos mapas* é uma habilidade prática e que pode ser trabalhada usando o próprio mapa dos estudantes. Deve-se pedir para que localizem pontos que consideram importantes no mapa e depois, através das escalas, medir as distâncias em linha reta. Nessa habilidade é interessante usar ferramentas de GPS para verificar a distância percorrida por estradas para chegar de um ponto a outro. Já na habilidade 09 *Elaborar modelos tridimensionais, blocos-diagramas e perfis topográficos e de vegetação, visando à representação de elementos e estruturas da superfície terrestre*, tem-se a oportunidade de trabalhar a representação em mapa de estruturas com 3D e a construção de gráficos. Para isso, novamente pode-se trabalhar com estruturas presentes no município do Geoparque Quarta Colônia, como, por exemplo, representar em um mapa a altura do Monte Grappa em Ivorá.

Estamos nos encaminhando para o final do ano letivo e muitas habilidades já estão consolidadas, podendo, assim, o estudante construir habilidades que envolvam os conhecimentos adquiridos até então, como o que está posto na Habilidade 10 *explicar as diferentes formas de uso do solo (rotação de terras, terraceamento, aterros etc.) e de apropriação dos recursos hídricos (sistema de irrigação, tratamento e redes de distribuição), bem como suas vantagens e desvantagens em diferentes épocas e lugares*. Observa-se que é necessário desenvolver com o estudante um resgate dos conhecimentos e aprofundá-los no que se refere a como cada espaço é ocupado. No caso do território do Geoparque Quarta Colônia, pode ser solicitado aos estudantes que construam um mapa temático a partir das imagens de satélite, com o uso do solo desse território, atribuindo diferentes cores segundo o que cada tipo de ocupação representa para aquele estudante.

Seguindo temos a Habilidade 11 *analisar distintas interações das sociedades com a natureza, com base na distribuição dos componentes físico-naturais, incluindo as transformações da biodiversidade local e do mundo*, que pode dar origem a um mapa onde cada estudante expresse o modo como vê a relação do homem com o ambiente em que vive, encontrando pontos positivos e negativos dessa relação.

A Habilidade 12 *identificar o consumo dos recursos hídricos e o uso das principais bacias hidrográficas no Brasil e no mundo, enfatizando as transformações nos ambientes urbanos* solicita que seja trabalhado com os estudantes a utilização dos rios e, assim, eles podem realizar uma pesquisa e representar no mapa as principais utilidades do Rio Soturno, Rio Jacuí e do Rio Vacacaí para a região.

Para finalizar, a Habilidade 13 *analisar consequências, vantagens e desvantagens das práticas humanas na dinâmica climática (ilha de calor, etc.)* solicita que sejam aprofundados os estudos com relação aos elementos do clima e à interferência humana nos mesmos. Assim, podemos solicitar aos nossos estudantes como um último desafio representar no mapa do território do Geoparque Quarta Colônia possíveis locais em que ocorrem essa interferência humana nos elementos climáticos.

Para concluir essa análise, ressaltamos que o exercício de colocar o estudante como protagonista de sua aprendizagem, tendo como espaço de análise nas mais diversas temática da geografia, o ambiente onde está inserido, pode ser realizado em qualquer ano da educação básica.